

Colecção Fio de Ariana

Adelaide Cabete
(1867-1935)

ISABEL LOUSADA

Comissão para a Cidadania
e a Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros
Lisboa - 2010

O conteúdo deste Livro pode ser reproduzido em parte
ou no seu todo se for mencionada a fonte.
Não exprime necessariamente a opinião da
Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Título: Adelaide Cabete (1867-1935)

Autora: Isabel Lousada

Prepararam esta edição: Teresa Alvarez e Isabel de Castro

Capa: Atelier Santa Clara

Fotografia da Capa: Gravura de Francisco Pastor publicada
em *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria* n.º 149, 1905

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

<http://www.cig.gov.pt>

Av. da República, 32-1º - 1050-193 LISBOA

Telf. 21 798 3000 Fax: 21 798 3099

E-mail cig@cig.gov.pt

R. Ferreira Borges, 69-2ºC - 4050-252 PORTO

Tel. 22 207 4370 Fax: 22 207 4398

E-mail cignorte@cig.gov.pt

Tiragem: 2.500 Exemplares

ISBN: 978-972-597-329-5

Depósito Legal: 317389/10

Execução gráfica: Offsetmais Artes Gráficas, S.A.

Índice

Nota Prévia	7
Cronologia	9
Adelaide Cabete. Médica e Humanista	23
Introdução	23
1. A medicina: instrumento de militância	27
2. Feminismo: facetas de Humanidade	45
Antologia	71
Fontes e Bibliografia	101

Nota Prévia

Uma educação que se configure no quadro dos valores da cidadania, que vise a educação para a paridade e se alicerce no desenvolvimento de práticas coeducativas não se coaduna com concepções estereotipadas de feminidade e de masculinidade, nem com desequilíbrios na visibilidade e no tratamento conferidos à participação de mulheres e de homens nas diferentes áreas do conhecimento, da cultura e da organização social.

A (in)visibilidade e a estereotipia de género continuam presentes nos programas curriculares e nos materiais pedagógicos, perpetuando modelos de mulheres e de homens profundamente assimétricos quanto ao valor individual e social atribuídos a umas e a outros. A reprodução da desigualdade de género em educação assume hoje contornos subtis e quase *invisíveis*, condicionando as opções e os projectos de vida futura de raparigas e de rapazes. Os efeitos estão patentes nos desequilíbrios significativos que subsistem entre mulheres e homens em áreas como a participação cívica e política, a tomada de decisão, a organização familiar, o mercado de trabalho e o uso do tempo.

A integração da dimensão de género na prática pedagógica de docentes e de educadoras/es que viabilize a emergência, no sistema educativo, de modelos sociais, femininos e masculinos, mais diversificados, exige uma maior aproximação entre a investigação científica e a prática educativa.

A colecção *Fio de Ariana* tem como objectivo contribuir para essa aproximação através da divulgação da investigação realizada no âmbito dos Estudos sobre Género e dos Estudos sobre as Mulheres. Ao dar visibilidade à participação das mulheres em todas as esferas da actividade humana, pretende-se evidenciar o facto de que mulheres e homens constituem, e sempre constituíram, elementos indissociáveis e partes integrantes de um mesmo sujeito social, múltiplo e actuante.

Com o título *Adelaide Cabete (1867-1935)* reafirma-se a importância dada por esta Comissão a uma colecção cujo objectivo é contribuir para que a dimensão da relação entre mulheres e homens se torne um elemento estruturante de toda a interpretação e conhecimento que vamos construindo sobre a realidade social.

Comissão para a Cidadania
e a Igualdade de Género
Novembro de 2010

Cronologia

Adelaide de Jesus Damas Brazão e Cabete (1867-1935)

1867

- Nasce Adelaide de Jesus Damas Brazão, em Elvas, na freguesia de Santa Maria de Alcáçova [25/01].

1868

- Sai o primeiro número de *A Voz Feminina* (1868-1869), tendo como redactora principal Francisca Wood [05/01].

1872

- Nasce Ana de Castro Osório (1872-1935).

1876

- 1.^a Conferência em Londres da Federação Abolicionista Internacional, fundada por Josephine Butler (1828-1909).

1880

- Elisa Augusta da Conceição de Andrade matricula-se na Escola Politécnica de Lisboa, a futura Faculdade de Ciências de Lisboa [12/10].

1884

- Nasce Sara Beirão (1884-1974).

1885

- É criada a Escola Maria Pia, em homenagem à Rainha, num edifício do Largo do Contador-Mor.

1886

- Casamento de Adelaide Brazão com Manuel Fernandes Cabete [10/02].

1889

- É fundado em Washington o ICW - International Council of Women. Com 22 anos, Adelaide Cabete faz o exame de instrução primária e matricula-se no Liceu Central de Lisboa [27/09].

1891

- Amélia Cardia [dos Santos Costa] (1855-1938) defende a tese intitulada *Febre Amarela*, tornando-se médica pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa [20/07].
- O periódico *O António Maria*, em “Homens da semana”, dá notícia da defesa da tese daquela [23/07].

1894

- Morre Marie Deraismes (n. 1828) [06/02]. Adelaide Cabete conclui o Curso dos Liceus.

1896

- Luise Ey (1854-1936) representa Portugal no Congresso Feminista de Berlim [20/09].
- Adelaide Cabete ingressa na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

1897

- Adelaide Cabete faz exame e é aprovada na disciplina de primeira cadeira de 2.º ano, Anatomia Descritiva [08/06] sendo Lente e Secretário da Escola Médico-Cirúrgica.

gica de Lisboa Manuel Vicente Alfredo da Costa, que assina o seu certificado [15/10].

1899

- Ricardo Jorge (1858-1939) publica *A peste bubónica no Porto, 1899: seu descobrimento, primeiros trabalhos*.

1900

- Inauguração do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, instalado no antigo convento de Odivelas [13/01].

- Adelaide Cabete defende a tese [A] *Protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento physico* [de novas] gerações e conclui o curso pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa com a classificação de 14 valores [26/07].

- O *Correio Elvense* relata a defesa de tese e a conclusão da licenciatura por “D. Adelaide de Jesus Damas Brazão e Cabete” [22/08].

- Adelaide Cabete é admitida, juntamente com Emília Patacho, como sócia da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa [15/11].

1901

- É publicado, em O *Elvense*, o texto “Instrua-se a mulher”, assinado por Adelaide Cabete [09/05].

1902

- Sai, em Lisboa, o primeiro número da revista quinzenal *Sociedade Futura* (1902-1904), dirigida por Ana de Castro Osório e com colaboração de Olga Morais Sarmiento da Silveira [01/05].

- *O Primeiro de Janeiro* dá início à publicação do estudo de Carolina Michaëlis de Vasconcelos intitulado *o Movimento Feminista em Portugal* [11/09].

- Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911) conclui o curso de Medicina. É a primeira mulher a exercer cirurgia e o direito de voto em Portugal.

1904

- Nasce Elina Guimarães (1904-1991). Congresso do Livre Pensamento em Roma e publicação da intervenção feita pelo delegado português Magalhães Lima.

1905

- Publica-se, em *A Chronica*, uma extensa notícia biográfica sobre “D. Adelaide Cabette” [Dezembro].

1906

- Conferência proferida por Olga Morais Sarmiento da Silveira na Sociedade de Geografia de Lisboa, por ocasião do aniversário das Convenções de Haia, intitulada *Problema feminista* [18/05].

- É criado o Comité Português da Associação Francesa “La Paix et le Désarmement par les Femmes”, sendo Vogal Adelaide Cabete [Dezembro].

1907

- Adelaide Cabete é iniciada na Instituição Maçónica Grande Oriente Lusitano Unido - Loja Humanidade [01/03].

- Sebastião de Magalhães Lima é eleito Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa [22/03].

- Publica-se em Lisboa o primeiro número de *Alma Feminina* (1907-1908) dirigido por Albertina Paraíso e tendo por secretária da redacção Virgínia Quaresma [06/05].
- Ana de Castro Osório é iniciada na Maçonaria [13/05].
- Sob orientação de Ana de Castro Osório, forma-se o Grupo Português de Estudos Feministas.

1908

- Regicídio. O rei D. Carlos e o Príncipe herdeiro D. Luís Filipe morrem, vítimas do atentado na Praça do Comércio [01/02].
- Início da publicação diária da coluna “Tribuna Feminina” no periódico *A República* em que colaboram muitas feministas [01/06].
- Adelaide Cabete participa na fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP) [28/08].
- O *Álbum Republicano* apresenta entre os distintos republicanos duas mulheres, a primeira das quais Adelaide Cabete, seguindo-se-lhe Virgínia da Fonseca [Outubro].

1909

- Adelaide Cabete demite-se do Comité Português da Associação Francesa “La Paix et le Désarmement par les Femmes” e integra, com Ana de Castro Osório e Fausta Pinto da Gama, a Direcção da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP).
- Sai o primeiro número da revista mensal *A Mulher e a Criança* (1909-1911), órgão da LRMP [Abril].

- Manifestação anticlerical em Lisboa promovida pela Associação Promotora do Registo Civil e Junta Liberal [02/08].

1910

- Morre o médico Alfredo da Costa (1859-1910) [2/04].
- Publica-se em Lisboa o primeiro número de *O Jornal da Mulher*, revista quinzenal ilustrada dirigida por Albertina Paraíso [05/07].
- Adelaide Cabete confecciona, com Carolina Beatriz Ângelo, “20 bandeiras verdes-rubras no prazo máximo de 48 horas”, conforme afirma em *Notícias do Norte* [Agosto].
- Implantação da República [05/10].
- Promulgação da Lei do Divórcio [03/11] e das Leis da Família [25/12].
- *A Mulher e a Criança* dedica a capa e o editorial à “Doutora Adelaide Cabette” [Novembro].

1911

- Fundação da Faculdade de Medicina de Lisboa substituindo a Escola Médico-Cirúrgica [22/02].
- Fundação da Associação de Propaganda Feminista (1911-1918) [Maio].
- Voto de Carolina Beatriz Ângelo nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte [28/05].

1912

- Adelaide Cabete é admitida como médica e professora no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em

Odivelas, onde rege a disciplina de Higiene e Puericultura até 1929 [07/02].

- A Academia das Ciências de Lisboa elege por mérito duas notáveis mulheres de Letras - Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) e Carolina Michäelis Wilhelm de Vasconcelos (1851-1925).

1913

- Regina Quintanilha torna-se a primeira mulher licenciada em Direito.

- Adelaide Cabete representa Portugal no Congresso Feminista em Gand, Bélgica, com a intervenção subordinada ao tema “O ensino de puericultura”.

- Congresso de Paris organizado pela Federação Abolicionista Internacional.

1914

- Fundação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), tendo como principal dirigente Adelaide Cabete, reeleita sucessivamente Presidente até à década de 30.

- A *Ilustração Portuguesa* dá conta da recente criação [03/03], em Lisboa, do Centro Nacional de Aviação, tendo como 1.^a secretária geral da Assembleia Geral e encarregada dos serviços de saúde a médica Adelaide Cabete [16/03].

- Entrevista de Adelaide Cabete a Oldemiro César de *O Mundo*: “Feminismo - O que é e o que pretende o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas” - Segundo informações da activa propagandista D. Adelaide Cabete” [02/05].

- Sai o primeiro número, em formato de jornal, do *Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (1914-1916), dirigido por Maria Clara Correia Alves (1869-1948).
- Publicação da auto-biografia da britânica Emmeline Goulden Pankhurst (14/07/1858-14/06/1928). Adelaide Cabete dedica-lhe um texto que será publicado em *A Província de Angola*, a 22 de Agosto de 1932.
- Adolfo Lima (1874-1943) publica a obra *Educação e Ensino, Educação Integral*.

1915

- São publicados no *Boletim Oficial do CNMP* os nomes dos “Elementos que compõem o «Corpo Administrativo» do «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas»,” tendo à cabeça a Presidente honorária Carolina Michäelis Vasconcelos [Fevereiro].
- Publica-se o primeiro número de *A Semeadora* (1915-1918), propriedade da “Empresa de Propaganda Feminista e Defesa dos Direitos da Mulher”, tendo como secretária da redacção Ana de Castro Osório, editora Antónia Bermudez e administradora A. Benício [15/07].
- Adelaide Cabete é nomeada médica do IFET [Decreto de 11/12].

1916

- Morre Manuel Fernandes Cabete, vítima de doença prolongada [11/01], constituindo o seu funeral civil uma imponente manifestação de sentida homenagem [12/01].

- Funda-se a Cruzada das Mulheres Portuguesas, dirigida por Elzira Dantas Machado [Março].

1918

- Conferência de António Sérgio na Sociedade de Geografia sobre *O ensino como factor do Ressurgimento Nacional - Defeitos dos nossos métodos de ensino e maneira de os corrigir; linhas gerais de uma nova organização* [15/01].
- Criação da Sociedade Eugénica de São Paulo [25/01].

1919

- Surto de gripe pneumónica causa para cima de 100 000 mortes.
- Fundação da Universidade Popular Portuguesa [Janeiro], inaugurada a 27 de Abril.
- Congresso Internacional das Mulheres em Zurich [Maio].
- Fundação do Conselho Nacional das Mulheres de Espanha [24/11].

1920

- Conferências feministas promovidas pelo CNMP, tendo por oradores Paulina Luisi (1875-1949) [09/04]; Carneiro de Moura (1868-1944) [24/04]; Maria O'Neill (1873-1932) [08/05]; João Camoesas (1887-1951) [22/05]; Maria Clara Correia Alves (1869-1948); e Virgílio Santos (1887-1921) [Dezembro].
- Congresso Feminista de Genève, organizado pela Alliance Internationale pour le Suffrage des Femmes [Junho].

- É publicado em *Nylaende* o texto “Dr. Adelaide Cabette. Formand i Portugisiske Kvinders Nationalraad”. Kristiania. [Dr. Adelaide Cabette, Presidente no Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas] [01/08].
- Congresso Feminista em Cristiania (Noruega), promovido pela ICW [Setembro].
- Adelaide Cabete substitui Maria Clara Correia Alves (1869-1948) na direcção da revista *Alma Feminina*.
- Elina Guimarães é admitida no Liceu Passos Manuel.

1921

- Morre Maria Amália Vaz de Carvalho [24/03].
- Aurélio Quintanilha (1892-1987) publica *Educação de hoje, Educação de Amanhã*.

1922

- Adelaide Cabete integra a Direcção do Centro Republicano Democrático [18/01].

1923

- Adelaide Cabete obtém autorização para criar a Ordem Maçónica Mista do Direito Humano e funda a Loja Humanidade 776, sendo eleita “Venerável”.
- Criação das Ligas de Bondade.
- Adelaide Cabete participa, enquanto representante do CNMP e do Governo Português, no Congresso Internacional Feminista de Roma, onde discursa [Julho].

1924

- Organiza-se o 1.º Congresso Feminista e da Educação por altura do 10.º aniversário do CNMP: Adelaide Cabete

profere o discurso inaugural e apresenta 3 teses [4-9/05].

- Congresso de Gratz, organizado pela Federação Abolicionista Internacional.

- Adelaide Cabete lecciona, na Universidade Popular Portuguesa, Higiene e Puericultura a mulheres de Campo de Ourique.

- Adelaide Cabete prefacia o livro *Retalhos*, de Jorge das Neves Larcher (1890-1945) [31/01].

1925

- Adelaide Cabete participa no Congresso Internacional Feminista de Washington, onde discursa como delegada do governo [06/05].

1926

- Adelaide Cabete é coadjuvante na organização do 1.º Congresso Abolicionista Português, organizado pela Liga Portuguesa Abolicionista, representando a Loja Humanidade [Agosto].

1927

- Congresso de Anvers, organizado pela Federação Abolicionista Internacional.

1928

- Aprova-se, em Conselho de Ministros, a reorganização das Faculdades de Medicina, sob proposta apresentada por Alfredo de Magalhães, decretando-se que “as Faculdades de Medicina organizarão, nos seus regulamentos, o ensino das parteiras, o qual será bienal” [03/01].

- O 61.º aniversário da médica Adelaide Cabete é anunciado em *O Rebate*. [25/01].
- Organiza-se em Lisboa o II Congresso Feminista e de Educação, onde Adelaide Cabete apresenta a Tese *O ensino da puericultura na escola infantil* [24/06-28/06].
- Elisa Soriano Fischer (1891-1964), professora de fisiologia e presidente da Juventude Universitária Feminista de Espanha, desembarca no Rossio [23/06].
- A PSP cerca o edifício de *O Rebate* e encerra o jornal. São presos o chefe de redacção Pinto Quartim e Gabriel de Medina Camacho, redactor principal [24/07].
- Publicação da entrevista feita a Adelaide Cabete por Clara Campoamor [Rodriguez] no periódico madrileno *La Libertad*: “El siglo xx, Mujeres de hoy. Adelaide Cabete” [13/09].
- Congresso da Federação Internacional de Mulheres Universitárias em Espanha [15-25/09].
- Adelaide Cabete promove a constituição da Associação das Mulheres Universitárias Portuguesas.

1929

- Adelaide Cabete pronuncia-se ao jornal *O Povo* sobre a iniciativa de um grande movimento para a compra de um aparelho para a primeira aviadora portuguesa, D. Maria de Lourdes Teixeira [21/01], e sobre a Associação das Mulheres Universitárias [15/02].
- Tem lugar o II Congresso Abolicionista realizado em Portugal, a cargo da Liga Portuguesa Abolicionista [Maio].

Adelaide Cabete colabora e apresenta a Tese *Eugénica e Eugénica*.

- Morre Alice Pestana (1860-1929).

- Adelaide Cabete e o sobrinho Arnaldo Brazão (1890-1968) partem para Luanda, Angola.

1931

- Concessão, pelo Decreto 19.694, do sufrágio às mulheres maiores de 21 anos que fossem chefes de família ou possuidoras de um curso secundário ou superior, com diploma respectivo. Aos homens bastava saber ler e escrever. [05/05].

1932

- Inauguração da Maternidade Dr. Alfredo da Costa [31/05], tendo sido aberta ao público a 5 de Dezembro.

1933

- Adelaide Cabete vota em Luanda, deslocando-se à Assembleia Eleitoral da Cidade Alta, no Plebiscito à nova Constituição Política da República Portuguesa [16/04].

- Publica-se em Luanda a entrevista “O voto feminino”, onde se refere que a médica Adelaide Cabete foi a primeira e a única mulher, em Angola, que votou no plebiscito.

1934

- Adelaide Cabete e o sobrinho Arnaldo Brazão regres- sam à capital lisboeta.

- Proibição das sociedades secretas e dos partidos políticos.

1935

- Adelaide Cabete morre aos 68 anos, em Lisboa.
- Maria Cândida Parreira (1877-1942), Maria Guardiola (1895-1987) e Domitila de Carvalho (1871-1966) são as primeiras deputadas à Assembleia Nacional.
- Morre, aos 63 anos, Ana de Castro Osório.

1936

- O CNMP, organiza uma romagem à campa de Adelaide Cabete, no cemitério dos Prazeres, em homenagem à sua falecida Presidente [25/01].

1995

- Adelaide Cabete recebe, a título póstumo, a medalha e colar do Grande Oficial da Ordem da Liberdade [10/06].

Adelaide Cabete Médica e Humanista

Introdução

Adelaide Cabete é uma figura incontornável na História das Mulheres Portuguesas. Como mulher soube impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração. Casou com Manuel Fernandes Cabete, muito nova, logo após o seu décimo nono aniversário, e foi no dia do seu casamento, a 10 de Fevereiro de 1886, que assinou pela última vez Adelaide de Jesus Brazão. E o casamento, ao invés de se tornar no “fado” ou em “fardo”, tornou-se precisamente fonte de crescimento e liberdade. Feminista assumida, nunca olhou o matrimónio como um impedimento, embora tenha sabido compreender todos os casamentos que se transformaram em obstáculos, destruindo muitos sonhos pueris de adolescentes e acabado por denunciá-los como indesejáveis. Não só por isso, mas também por isso mesmo, é vista como pioneira.

Formando-se em medicina e exercendo clínica na especialidade de Ginecologia a partir de 1900, inscrita na Sociedade das Ciências Médicas desde 15 de Dezembro, Adelaide foi notável entre pares, num universo maioritariamente composto por homens. De ideias firmes e de fortes convicções, foi lutadora ímpar, soube ser solidária, destemida

mulher de causas. Toda essa «anima» foi testemunhada pelas inúmeras manifestações de apoio, nacionais e internacionais, a si dirigidas, a cada passo em que se ia afirmando, ultrapassando novas etapas do seu percurso profissional, associativo e político. Neste domínio, Adelaide Cabete é indissociável da história e dos movimentos das ideias sociais e políticas que levam à implantação da República em Portugal, a 5 de Outubro de 1910. Activista, militante e dirigente de diversas organizações como a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP), as Ligas de Bondade ou a Liga Portuguesa Abolicionista destaca-se sobretudo como Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), que funda e do qual é a principal impulsionadora.

Iniciada na maçonaria em Lisboa, a 1 de Março de 1907, antes do equinócio da Primavera, no Palácio Maçónico, sob os auspícios do G.O.L.U. - Grande Oriente Lusitano Unido segundo o rito REAA (Rito Escocês Antigo e Aceito) -, Adelaide escolheu para nome simbólico Louise Michel (1830-1905), elegendo essa célebre e paradigmática figura francesa por quem mostra ter grande admiração e quase se pode vislumbrar “espelhada” nalguns (muitos) passos da sua vida. Já “Venerável”, assinando Luiza Michel [*sic*], oferece-nos, pela sua escrita empenhada e clara, verdadeiros tratados feministas em missivas que dirige à Respeitável Loja Obreiros do Trabalho, em Março de 1911.

Em Luanda, Adelaide Cabete abriu consultório médico, mas continuou a colaborar em jornais locais e a assegurar participação noutros periódicos, da metrópole. A sua

actividade em África foi também intensa, participando em cursos, colóquios, dando conferências, chegando a leccionar em cursos de «férias» no Liceu Salvador Correia.

Henrique de Vilhena, um dos seus biógrafos confessa, por ocasião do 1.º aniversário da sua morte, em 14 de Setembro de 1936, que não seria possível dar uma pálida ideia acerca da sua existência se tivéssemos a pretensão de a arrumar em compartimentos estanques, de tal modo profícuca e prolixa ela tinha sido, mas a lição sobre ela pronunciada é modelar e revela o quão intensa e extraordinária foi a sua vida.

Adelaide Cabete foi médica, higienista, publicista, socióloga, maçona, republicana, socialista, livre-pensadora, educadora e feminista.

1 - A Medicina: instrumento de militância

“Fiz os exames do primeiro e do segundo grau aos 21 anos e já depois de casada, e aos 33 estava médica. Vê-se por isso, que não estudava a brincar nem para me divertir”.

Adelaide Cabete In *A Província de Angola*,
17 de Agosto de 1932, p.2, cols. 2-3.

Em 7 de Outubro de 1895, com 28 anos, Adelaide Cabete matricula-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (localizada no ex-convento dos Arrábidos desde 1837) ingressando no Curso de Medicina o qual, à época, se cumpria em 5 anos lectivos. Licenciou-se em 1900 obtendo no «acto grande» 14 valores, com a tese *A protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento físico de novas gerações*. Defendida a 26 de Julho, foi editada em 1901.

Até que ponto foi excepcional a vida de Adelaide Cabete, quando se sabe que outras mulheres consigo ombrearam, cursando medicina, vindo algumas a exercê-la? Lembramos Amélia Cardia, Carolina Beatriz Ângelo, Elisa Augusta da Conceição de Andrade e Emília Patacho. O caso, já de si emblemático, que resulta da análise da composição das turmas a que pertenceu Adelaide Cabete, fala de *per se*. Durante o liceu, 119 dos seus colegas são do sexo masculino e Adelaide é a única representante do sexo feminino; já

no curso de medicina, a proporção é de 36 homens para duas mulheres, precisamente Adelaide Cabete e Maria do Carmo Joaquim Lopes.

Adelaide Cabete não foi caso único e, em 1906, A *Chronica* refere “Enfim, em Portugal já temos meia dúzia de médicas, umas tantas telefonistas [...]”¹, mas a singularidade da sua existência fica a dever-se ao súbito ultrapassar das circunstâncias, como o concretizar de um casamento que viria a ser a sua verdadeira “tábua de salvação”, pois o mais frequente era, nessa época, desprezar a educação feminina e ridicularizar as poucas “letradas” existentes, como a frase seguinte extraída de um texto feminista de 1906 revela: “Não quero nada com mulheres doutoras - berram os imbecis. E elas, porque doutoras não são, imbecilizam a mentalidade dos filhos, desnorteiam-lhe o raciocínio, e amedrontam-lhe a consciência... - O quê? Uma mulher a pedir como Goethe luz, mais luz! Ou a proclamar o eureka de Arquimedes, [...] *Vade retro!*”²

Em 1885, ano em que Adelaide e Manuel Cabete se conhecem, o Conselho Municipal de Paris decide admitir médicas ao internato nos hospitais. Em Portugal, desde 1870, fruto do empenho de Magalhães Lima, estavam abertas as portas da faculdade de medicina às mulheres, muito embora, como Alice Samara tão bem nota, traduzindo-se numa “medida emancipatória que foi levada a cabo por razões mais conservadoras”³, visando promover a saúde feminina num universo tanto mais alargado, já que as mulheres se deixariam mais facilmente observar/tratar por outras mulheres. Anos mais tarde, e a esse propósito,

Adelaide dirá mesmo: “Há poucos meses, [Verão de 1928] como quisessem aumentar o salário ao médico ou fazer economias, lembraram-se de despedir ou o enfermeiro ou a enfermeira e como não se conhece o direito à mulher de ganhar a vida honestamente, tentaram logo legislar que fossem as enfermeiras as dispensadas, pois as emigrantes podiam ser tratadas por enfermeiros!”.⁴

Adelaide Cabete procurará sistematicamente ampliar os seus conhecimentos, fortalecendo a formação que tardiamente começou. É pois pela instrução que a conquista e as novas etapas se sucedem. Mas não sem esforço. Adelaide Cabete confessará, posteriormente: “Não pertenço ao número dos doutores que andam sempre a atirar à cara dos outros o seu diploma, mas também nunca consinto, sem protesto, que o meu seja amesquinhado porque me custou muito trabalho, e, a meu marido, a pequena fortuna que tinha quando casou comigo”.⁵

Fez Clínica Geral e especializou-se naquela que hoje designaríamos por Ginecologia e Obstetrícia que, à época, não era assim denominada: “Exercendo a clínica geral, dedicou-se em especial às doenças das senhoras, merecendo-lhe particular atenção as moléstias uterinas e os partos, o que ainda mais lhe tem aumentado o número de seus admiradores”.⁶ Comprova-se pela guia eventual de 1909-1910 passada a Adelaide de Jesus Damas Brazão e Cabete pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, carimbada a 18 de Outubro de 1909, que a médica pagou, nessa data, a quantia de vinte e cinco mil quinhentos e sessenta e seis réis, referente à propina da carta de médico-cirurgião.⁷

Exercendo medicina em consultório próprio, anuncia a sua actividade no *Almanaque Democrático para 1908*: “Adelaide Cabete - médica - doenças uterinas - R. da Prata, 153 - 2.º”. Mas antes fazia-o, desde logo em 1900: “Médica pela Escola de Lisboa, onde concluiu brilhantemente o curso em 26 de Julho de 1900, desde esta data que vem exercendo a clínica por forma a conquistar o respeito e a simpatia de quantos buscam os recursos da sua ciência”.⁸ Ou ainda: “Abre consultório “médico-cirúrgico”, o primeiro que se lhe conhece, sito na “R. da Prata, 153 - 2.º, onde tenciona especialmente dedicar-se a doenças uterinas e partos”.⁹ Até ao verão de 1906 mantém consultório na R. da Prata. Já em 1908, havemos de encontrar menção ao seu novo espaço para consultas, agora na Rua dos Restauradores, vindo anunciado em periódicos como *A República*. Os anúncios ao seu consultório seguem-se, invariavelmente, a artigos publicados sobre si própria, ou por si, nos respectivos jornais. Assim aconteceu, por exemplo, n’*A Chronica* (1906) e no *Almanaque*. Tal facto parece sustentar a ideia de que a credibilidade do ofício advinha do reconhecimento de mérito científico por parte de terceiros ou da sua assinatura como especialista nesses temas. A ser assim, o mesmo aconteceu já, podendo-se corroborar este facto com a médica Sofia Quintino, contemporânea de Cabete, que procedeu de modo análogo. Muitos anos mais tarde, já em Luanda, *A Província de Angola* faz jus a este propósito inicial que jamais será perdido. Nos cinco anos que passa em Angola, de 1929 a 1934, é em Luanda que abre consultório médico, primeiro na Praça da República,

número 26 - Edifício do antigo Banco Colonial¹⁰ - onde, pelo menos até Fevereiro de 1931, o sobrinho Arnaldo Brazão estabelece escritório de advogado. Em 1932, Adelaide passa a exercer na Calçada de St.º António n.º 5, passando depois a dar consultas, das 10h às 16h, em consultório sito na Avenida do Hospital, frente ao Liceu Salvador Correia, com o número de telefone 45.

Manifesta precocemente a sua predilecção para os assuntos médico-sociais, “acompanhando com o melhor espírito de camaradagem as tendências da sua geração escolar”. Recorrendo ao testemunho de Elina Guimarães, “A justa apoteose” do seu brilhante curso foi a defesa da tese “onde pela primeira vez se revelaram as ideias de justiça social e o infinito amor pela mulher e pela criança que mais tarde norteariam a sua vida”.¹¹ Nessa causa, que chama a si, de defesa dos mais pobres, empregará todas as suas forças durante o período que entrega à medicina. A escolha da medicina nascera da conjugação de factores, alguns dos quais ligados às suas qualidades humanas, fazendo jus à opinião desta sua amiga e biógrafa: “O altruísmo natural e o espírito investigador de Adelaide Cabete levaram-na à mais abnegada das profissões: a medicina”.¹² A estes acrescenta ainda outros traços da personalidade de Adelaide que concorrem para nela reconhecer o fascínio no seguir de uma autêntica vocação: “bom-humor e rectidão de carácter [...] digna de simpatia era essa rapariga alegre e corajosa, que, sendo em toda a acepção da palavra a «fada de um lar», era simultaneamente uma cientista brilhante”.¹³

Pela escrita, intervindo, denunciando, alertando e procurando advogar a causa das mais necessitadas. É ainda Elina Guimarães que nos diz: “[...] Há porém dentre estas [as grávidas] as que, condenadas pela dura lei da necessidade a serviços violentos até ao termo da sua gravidez, merecem a minha comiseração, tais como costureiras de máquinas, lavadeiras de casas e de roupas, vendedoras ambulantes, operárias de certas fábricas e outros misteres tão penosos como em extremo prejudiciais para o desenvolvimento e robustez do fruto que albergam em seu seio; sendo certo que este nasce duplamente enfezado, já por não permanecer no útero o tempo preciso, já por se nutrir mal durante o tempo em que ali se conserva”.¹⁴ Esta preocupação acompanhará toda a vida da médica, empenhada que fora na defesa das condições médico-sanitárias e medidas sociais por si preconizadas. A proposta para preservar de tarefas pesadas as mulheres grávidas, dois meses antes do fim do tempo de gestação, é uma das razões que levam a considerar Cabete como uma pioneira na defesa da licença de maternidade, precavendo a saúde e visando promover o bem-estar das mulheres grávidas e mães solteiras, as mais vulneráveis, como as prostitutas, não só após, mas igualmente antes, do nascimento dos seus filhos.

Conciliou, na sua intervenção, a ciência médica com a social e política. Na verdade, foi acompanhando o exercício da sua profissão com o registo estatístico dos casos clínicos, seguindo os ensinamentos dos mestres da Escola Médica de Lisboa, dos finais do século XIX, e da Sociedade das Ciências, desde o início do século XX. Algumas figuras

de referência do paradigma científico nacional acompanharam-na em ambas as instituições, como é o caso de Miguel Bombarda, com o qual privava noutro contexto, pois ambos eram maçons. Mas é, afinal, Alfredo da Costa o escolhido para seu mentor nesta especialidade de estudo e análise que a médica estiola na indignação face à inexistência de uma maternidade, criada de raiz, em Lisboa. “Não é meu intento ao traçar estas ligeiras e despreziosas considerações, dar conselhos às grávidas ricas. Essas têm, regra geral, médicos ou médicas assistentes, que, em tal conjuntura, lhes prescrevem as indicações que a ciência ensina. Visa o meu propósito principalmente às mulheres grávidas pobres”.¹⁵

Discípula de Alfredo da Costa, que foi certamente uma das suas maiores referências e de quem recebeu grandes estímulos para advogar a fundação das maternidades em Portugal, com ele chegou a apresentar trabalhos à Sociedade das Ciências Médicas de que também foi membro. A sua admissão reporta-se a 15 de Dezembro de 1900 data da sessão em que é admitida na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa outra médica, Emília Patacho. *A República* será palco onde apresenta alguns dos seus mais contundentes textos sobre esta matéria (Doc. 1 da Antologia). Na esteira das propostas de Alfredo da Costa, encontramos já o prenúncio da sua batalha em defesa das crianças, em particular dos recém-nascidos. Mas, nesse aspecto, também não só no que às condições físicas dizia respeito, mas sobretudo no que se refere ao acompanhamento psicológico e apoio institucional às mães, depois de

terem dado à luz, mostrando a necessidade da criação de creches e sua regulamentação legal. Adelaide Cabete defendia a vantagem na permanência das mães em maternidades para acompanhamento pós-parto, zelando por ambientes em condições higiênicas favoráveis ao desenvolvimento saudável das crianças recém-nascidas. Colocou-se sempre na defesa da vida, considerando-a desde a concepção, e manifestou-se contra o aborto¹⁶. Conviria, a este propósito, citar a obra da investigadora Regina Marques, *O Aborto*, lembrando que as pacientes assistidas nos hospitais, por essa altura, “eram as de menores recursos e passaram a ser «casos clínicos» para ensinar os estudantes de medicina, enquanto as das classes mais abastadas continuam a ser assistidas pelas parteiras nos recatos das suas casas e, se iam para o hospital, os seus partos não eram assistidos pelos estudantes e os seus casos não serviam para formação”.¹⁷

Adelaide Cabete, ainda que defendesse as suas posições veementemente, convicta de serem as justas, chega a afirmar, perante a prática abortiva, que eram as mulheres pobres as mais negligenciadas e maltratadas, as primeiras a sucumbir às mãos de matronas, ou na sequência de abortos feitos pelas parteiras, em péssimas condições, quando chegavam (se chegavam) ao hospital já nada havia a fazer para as salvar. Sendo verdadeiramente assustador o número de pessoas infectadas por sífilis, Adelaide faz-nos saber que nem sempre as mulheres sabiam serem portadoras da doença e que no caso da escolha de uma ama-de-leite toda a atenção era pouca, visto aparentemente aquela ser

uma doença passível de passar despercebida a leigos na matéria. Assim, não poupa esforços recomendando observação rigorosa para prevenir a transmissão e consequente mortalidade que, em Portugal, atingia valores médios muito superiores aos de outros países. Afirma-se, ainda, claramente contra a amamentação mercenária¹⁸, como aliás o fizera Alfredo da Costa.

Adelaide Cabete corporiza, de facto, a face feminina desse grupo de médicos e cientistas sociais que equacionam e avançam medidas profilácticas, no sentido do robustecimento das gerações futuras, como o fizeram Miguel Bombarda ou Alfredo da Costa. Quer na Sociedade das Ciências Médicas, quer na Sociedade de Geografia de Lisboa, foram apresentadas teses apontando na mesma direcção. A elevada taxa de mortalidade infantil, sobretudo até ao primeiro ano de idade, reforça a crença da médica na medida eficaz para combater os dados comprometedores da renovação da raça.

Depois de lembrar os estudos efectuados por Alfredo da Costa acerca da altura mínima exigida para os soldados ingressarem na carreira militar e de a fasquia ser continuamente diminuída, a fim de que os concursos não ficassem desertos, pois a altura da população vinha decrescendo, dirá logo em seguida na sua dissertação: “Mas não são só os fenómenos apontados que patenteiam a rápida degenerescência da raça portuguesa - é a hecatombe de vítimas que a morte faz na infância até um ano de idade, devida às causas que são objecto do nosso trabalho. Profligar essas causas será, a nosso ver, a mais alta manifestação de

patriotismo”.¹⁹ Logo em seguida, citando Ricardo Jorge, deixa-nos saber: “É que a partir do primeiro ano, já de si muito carregado, as nossas crianças mortas atingem cifras incomportáveis. Que denota isto senão que no período do desmame e da primeira infância, tratamos tão mal as crianças que lhes infligimos um tremendo inigualável morticínio?”.²⁰ Do mesmo modo, socorrendo-se das afirmações de Alfredo da Costa, precisa: “O prematuro, como o débil de nascença, é, em geral, um condenado a uma vida inteira de fraqueza corporal, em que amiúde se enxertam as distrofias, as neuropatias e as moléstias consumptivas”.²¹ Sintetizando: “E se pensarmos na camada social de que estamos tratando, nada há a esperar da higiene futura do recém-nascido, pode calcular-se quanto o mal será agravado em vez de modificado, no sentido da melhoria. Há-de ressentir-se forçosamente com isto o vigor do nosso povo, já de si pouco vigoroso por muitos motivos. Do único recenseamento militar de que existe uma estatística regular - o de 1897 - vê-se que de 47:833 mancebos inspeccionados com vista ao recrutamento, foram rejeitados por incapazes, tanto para a primeira como para a segunda reserva, 15:604 indivíduos”.²² As razões da exclusão ficaram a dever-se, primeiro, à falta de robustez e, logo em seguida, à falta de altura mínima, acabará por esclarecer Cabete (Doc. 2 da Antologia).

Quando já creditada como médica, vemo-la, ainda, na esteira do combate à tuberculose, imputando responsabilidade para este flagelo à fome, aos maus hábitos alimentares e

de higiene, radicados na ignorância e pobreza. Associada a esta luta, Adelaide Cabete deu início a outras, denunciando hábitos prejudiciais à saúde, tais como a ingestão de álcool, vício que combateu durante toda a vida. A esses junta ainda o combate às doenças venéreas e a luta contra a prostituição, vindo a ser uma das fundadoras da Liga Anti-Alcoólica e da Liga Portuguesa Abolicionista²³. Perante estes factos há que constatar que, para Adelaide Cabete, o exercício médico em termos curativos e paliativos é indissociável da intervenção cívica na área das políticas de saúde, equiparando a actividade médica a um trabalho social que, enquanto tal, não pode ser neutro, assim como a ciência social é sempre um trabalho comprometido com o tempo.

Sendo a moda um tema capaz de dividir inclusivamente o universo feminino, a esse respeito não deixou de se pronunciar como médica. Justamente dando primazia à saúde em detrimento da estética, ainda que a esse título tivesse opinião *sui generis*. Munindo-se da “arma da ciência”, ao exhibir o título de médica, denunciará as inúmeras vezes que, por ignorância e vaidade, as mulheres cometem verdadeiros crimes contra a sua saúde e, no caso de estarem grávidas, contra a dos seus filhos. A moda sempre foi por ela analisada através da bitola científica e avaliada segundo as normas e os cuidados de saúde, particularmente no tocante à prevenção da doença. Neste combate analisa e condena o seguimento cego aos ditames da “*moda pela moda*”, observa e postula acerca dos conceitos que ela envolve, elevando e ampliando a sua intervenção ao plano das ideias médicas.

A moda analisada segundo o ponto de vista da higiene da prevenção da doença é um traço de pioneira que se impõe notar. Aliás, é precisamente “A Moda e a Higiene” o título da rubrica em que assina o texto “saias curtas”, em *Portugal Feminino*, no verão de 1930: “[...] vê-se também que neste assunto não existe uma razão higiénica a presidir à aceitação ou rejeição de qualquer modernismo no vestuário feminino, mas antes a maneira de explorar melhor a vítima da moda, que é sempre a mulher [...] Ora eu opto pelas saias curtas, não acima do joelho [...] a principal razão porque reprovoo as saias de cauda é por serem perigosas - para a saúde da mulher”.²⁴ Em texto publicado anteriormente tinha referido que a saia comprida, devia usar-se a um palmo do chão, exactamente pelas mesmas razões que a seguir explicitará. Passará então, a lembrar como se deparou, pela leitura de textos científicos em obras antigas, com a frequência encontrada na ligação entre as ulcerações do colo do útero e as inflamações decorrentes das poeiras que as caudas dos vestidos arrastavam, não se verificando tanto nas mulheres do povo e do campo, pelo facto de as não usarem “*de rojo*”, mas curtas. Acrescenta: “Hoje, esta opinião não oferece dúvidas pelos estudos feitos pelos microbiologistas. Quanto ao facto da proibição de tal usança, se à primeira vista parece violenta, por ser contrária à liberdade individual, parece-me que os sábios antigos estavam em bom campo chamando a atenção dos Estados para zelarem pela saúde dos seus povos. E tão razoável isto é, que, hoje, em alguns países do norte, nenhum costureiro ou modista pode apresentar em público

os seus modelos sem que previamente, os sujeite a uma organização médica, para esse fim criada, e que os pode rejeitar como anti-higiénicos”.²⁵ Termina, implicando razões de outra natureza, transcendendo o fenómeno estético: “as mulheres não vestem o que elas querem, mas sim, como escravas da moda, o que lhes impõem os mercenários, sem se preocuparem com os resultados funestos que daí resultam”.²⁶ Observando pelo microscópio da ciência, dotada de olho clínico, se colocada entre a estética e a moda, a médica usa o óculo do saber e não dá tréguas ao espartilho, a saltos ou ao comprimento das saias.²⁷

Passa a dar conta dos episódios presenciados durante as autópsias feitas dos danos causados no corpo das mulheres pelo uso de espartilhos. Lembra a época em que fizera o curso de medicina e reflecte: “Só quem viu os estragos em cadáveres como me aconteceu no meu estudo de anatomia pode avaliar a sua nefasta acção nos órgãos principais à vida daquela que a outros tem de dar vida”.²⁸ Adverte receosa, perante o fantasma de que o uso do espartilho volte a generalizar-se, por questões de moda: “O seu regresso, segundo consta, está para breve, devemos acautelar-nos contra a sua nova invasão para não termos de observar outra vez as costelas assentes nos pulmões e as barbas do espartilho vincadas no fígado e que acima nos referimos”.²⁹ Adelaide Cabete nunca deixou de exercer o seu papel de propagandista de bons costumes, alertando para factores prejudiciais como a inadequação do uso de tacaço alto durante a gravidez, revelando as lesões por ele causadas (Doc. 3 da Antologia).

Ao longo da sua vida profissional Adelaide Cabete mostra ser uma médica atenta, consciente de práticas condenáveis, não se coibindo de denunciar preceitos errados segundo o ponto de vista clínico, preocupada em dar a conhecer os males fruto de modas impostas às mulheres. Assim, enquanto médica, desincentivará o emprego de certas substâncias para emagrecimento e de dietas sem plano de acompanhamento ajustado que somente prejudicam a saúde, enfraquecendo e debilitando o organismo: “É vulgar também muitas meninas para se defenderem do tecido adiposo que incomoda o seu gosto estético começarem a beber vinagre, outras não se alimentando o suficiente e isto tudo para emagrecerem”.³⁰

Adelaide Cabete, em resposta à entrevista que dá, já nos últimos anos da sua vida, em Angola, em 1934, a propósito da escolha da *Miss Luanda*, manifesta-se contra a realização de concursos de beleza, tão em voga na época: “Não posso concordar com semelhantes concursos, apesar de estarem em moda por todo o mundo, moda destruidora dos bons costumes das famílias e da boa educação que se deve dar à mulher debaixo do ponto de vista moral e cívico. Que resultados benéficos virão desses concursos?”.³¹

Sobre o tabagismo e o facto de este vício estar a invadir o universo feminino, repara: “Vem a propósito dizer que muitas destas senhoras que fumam se manifestam contrárias ao feminismo porque não querem masculinizar-se esquecendo-se que o gesto de puxar por um cigarro é tudo quanto há de menos feminino”.³²

É sobretudo pioneira a abordagem feita por Adelaide, suportada nestes moldes: “Realmente muitos pais, por mais ricos e ilustrados que sejam, não são muitas vezes os melhores educadores de seus filhos. Esta repugnância que se nota não faz ver aos pais que é o instinto natural do corpinho do filho que repele aqueles dois actos (beber e fumar) que não são necessários à vida, antes pelo contrário, a destroem, e que só deviam ser aplicados por indicação médica!! O adolescente nesta escola já aprende as noções teóricas do alcoolismo e tabagismo, vê já nos modelos os estragos que estes dois vícios produzem no cérebro, pulmões, coração, estômago, fígado, etc.”.³³

Adelaide Cabete e seu sobrinho Arnaldo Brazão assumem a liderança do movimento abolicionista no nosso país, tantas vezes associado ao combate ao alcoolismo, outro aspecto fracturante na sociedade coeva³⁴. De 12 a 20 Janeiro decorreu, em Lisboa, a semana anti-alcoólica, que foi organizada tendo por objectivo chamar a atenção dos cidadãos e dos poderes públicos para os malefícios produzidos pelo alcoolismo (classificado pelos promotores como um problema de ordem social e moral, mais do que uma questão de natureza patológica). Nessa altura, o periódico *Actualidades* refere: “Contou com o espírito orientador e activo de marcantes individualidades, entre as quais figuram os srs. drs. Melo Breyner, José Pontes Tovar de Lemos e a doutora D. Adelaide Cabete”.³⁵ Pode ler-se ainda nessa notícia de 20 de Janeiro que, na sessão de encerramento da propaganda anti-alcoólica, a ter lugar durante essa noite, na sede da Universidade Livre se comemorava o

9.º aniversário da promulgação da «lei sêca», durante a qual Adelaide Cabete seria também oradora, entre outros, como o judeu russo Eliezer Kamenekzy (1888-1957), pois o encontro reflectia ainda a ideia de ser organizado, sem distinção de escolas ou credos.

Também neste movimento humanitário em que a médica se envolve, é assinalável a preocupação por parte dos seus protagonistas relevando o efeito nefasto, sobretudo para as camadas da população mais pobres, visto que, como afirmam na altura, as pessoas ricas defendem-se melhor do que os operários e as operárias. As campanhas de divulgação anteriores em que Adelaide Cabete participava na luta contra o alcoolismo, quer em conferências dadas, quer nos textos entretanto publicados, deixavam sentir a premência em desmistificar crenças, e mitos enganadores e nefastos, apontando em contrapartida regras simples e claras, fomentando explicações alicerçadas em dados e factos científicos. Lembramos a este propósito “o álcool não é um alimento”.³⁶ A campanha de propaganda social visava esclarecer e advertir para os perigos da má alimentação dos operários e das operárias, “acrescida com o desregramento moral motivado pelo ambiente e permanência nas tabernas, com todo o seu cortejo de horrores: o abandono do lar, da perda da estima de si próprio”.³⁷ Esta campanha antecede a realização do 2.º congresso abolicionista organizado em Lisboa, em Maio de 1929, e onde Adelaide Cabete apresenta a tese “Eugenia e Eugénica”,³⁸ tema até então pouco divulgado no nosso país (Doc. 5 da Antologia).

A crítica social e política virá acompanhar esses traços de Adelaide Cabete, marcando indelevelmente a sua escrita: “*Os maus governos têm farto quinhão de culpas*”³⁹ escreverá, imputando responsabilidades à política tributária incidindo sobretudo naquela que se reflecte no agravamento dos produtos de primeira necessidade, acentuando a pobreza dos mais pobres que dessa forma vão “pecendo à míngua de uma alimentação suficiente”.⁴⁰ Adelaide sempre viu sentido na articulação entre a moral e a política, chegando a afirmar: “A moral, disse alguém, assemelha-se a uma amável menina de quem toda a gente admira a beleza, mas com quem ninguém quer casar, porque não tem dote. Responsabilidade tremenda contrai o homem político que não procura a coincidência da política com uma sã moral, a sua perfeita conjugação”.⁴¹

2 - Feminismo: facetas de Humanidade

Ela teve a preocupação de desenvolver todas as acções ao seu alcance, conducentes à emancipação das Mulheres. E foi essa ideia que a fez também criar a Loja maçónica Feminina Humanidade, em 1 de Março de 1907, Loja de Adopção dos Maçons do Grande Oriente Lusitano, da qual foi a Presidente. Era sua ideia que as Mulheres, tendo as mesmas capacidades que os Homens, deviam, em consequência, ter também os mesmos direitos.

Cruzeiro, Maria Manuela, In Portugal. Teatro Nacional D. Maria II, A Maçon [de] Lídia Jorge, Lisboa, ed. Teatro Nacional D. Maria II, 1997, p. 11. [programa].

O texto “Instrua-se a Mulher” dá conta das convicções de Adelaide Cabete enquanto livre-pensadora e do completo afastamento que advoga entre Religião e Estado, assumindo-se pela laicidade: “Em todos os tempos houve mistificações e houve mistificadores. Em todos os tempos a Mentira guerreou a Verdade e não raro a levou de vencida. A coisa vem de longe. Vem do pai Adão e da mãe Eva. À Verdade também se chamou Bem e à Mentira chamou-se Mal”.⁴² (Doc. 6 da Antologia)

Adelaide dá, ainda, testemunho da sua capacidade de intervenção e sentido de oportunidade, não somente debatendo-se por ver consignado o laicismo, mas também pelo incessante combate que desta feita inicia contra a credence e a superstição: “As tendências fatalistas da nossa raça, agravadas com a falta de energia que nela determi-

nou o alheamento da própria vontade, criado pela influência religiosa e pelos rigorismos inquisitoriais, tornaram-na campo aberto à influência de todas as superstições, e é a este grande mal social que urge opôr um rude combate com medidas, enérgicas, de acção imediata”.⁴³ Expressa, assim, o seu profundo desagrado pela prática abusiva da “adivinhação”, exibindo dotes que classifica de fraudulentos amplamente divulgados como se de atributos científicos se tratasse.

Independentemente da sexualidade ou do conceito da feminilidade, certo é que Adelaide Cabete se envolveu noutra dos aspectos de que se reveste a luta das mulheres nesta época - o acesso ao voto. Desde logo, em 1908, encabeçou o movimento *O plebiscito das mulheres portuguesas* divulgado no periódico *A República*, que a 18 de Agosto insere a seguinte indicação às subscritoras: “sobre o plebiscito, para se apurar qual dos republicanos, deputados ou não deputados, chefes ou não chefes, tem maior número de simpatia e confiança, das senhoras portuguesas, pela sua orientação filosófica e acção social, as senhoras: D. Ana de Castro Osório. Setúbal; D. Maria Veleda, rua Açores, 78-A, 2.º E; D. Maria Clara Correia Alves, travessa da Pereira, 18, 1.º; D. Adelaide Cabete, rua do Ouro, 266, 2.º”.⁴⁴

A luta pelo sufrágio feminino em Portugal⁴⁵, como aliás no resto do mundo, foi alvo de fortes resistências provenientes dos mais diversos quadrantes sociais e políticos. Até das próprias mulheres. (Doc. 10 da Antologia)

Em bom rigor, a orientação que o voto feminino pudesse ter, ou melhor, a incógnita acerca desse sentido

de voto, foi motivo bastante para se ter impedido a sua efectivação e alargamento, que aliás, plenamente, só viria a ser efectivo, em Portugal, após o 25 de Abril de 1974. O peso que na balança partidária tivesse cerca de metade do número de votantes, caso à mulher fosse dado o direito pleno ao voto, razão pela qual lutavam as sufragistas, ainda acentuou, porventura, uma clivagem transversal às ideologias. (Doc. 11 da Antologia)

A luta e empenho pelo feminismo, em seu entender, não entrava em conflito com a afirmação do seu republicanismo. A entrevista oferecida em 1933, após 16 de Abril, publicada sob o título “O voto feminino: A médica D. Adelaide Cabete foi primeira e única mulher em Angola que votou no plebiscito”, editada em Luanda, destes factos dá conta, começando por afirmar: “Votei por uma questão de princípios; votando, votei pela Constituição contra a ditadura «A utopia de hoje é a realidade de amanhã»”.⁴⁶

Nesta altura, já muitos anos haviam passado desde que Adelaide Cabete combatiera por essas mesmas questões, no seio do movimento republicano e feminista, levando-a a afastar-se da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, em Novembro de 1909. Mas as circunstâncias em que a luta feminista se ia processando eram acompanhadas por ela de perto, atenta que sempre fora da “coisa pública” e da “condição feminina”, como nos revela Elina Guimarães: “Apesar da propaganda republicana defender objectivos como a democratização, laicização e secularização do Estado e das instituições, pugnando pela dignificação do estatuto social do trabalhador, da mulher e da

criança - chegando a inscrever no seu programa, o sufrágio feminino - o advento da I República, nunca o efectivou. Constituindo uma desilusão para a desejada emancipação feminina (pese embora o alargamento da participação das mulheres no funcionalismo, a sua entrada nas universidades e a publicação das denominadas Leis de Família, como a Lei do Casamento como Contrato Civil, a Lei de Protecção dos Filhos e a Lei do Divórcio) foi causa directa do aparecimento, em 1914, do CNMP e da extinção da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas”.⁴⁷ Adelaide Cabete embora se tenha mantido firme na defesa pelo voto, soube que nem sempre as medidas políticas republicanas podiam ser sequenciais, e de modo a agradecer às suas convicções feministas, e soube por isso (ou fez por) esperar.

A criação de um Conselho Nacional, em 1914, tal como o nome indica, preconiza a união de mulheres que no nosso país se afirmaria na defesa de ideais consignados estatutariamente.⁴⁸ Deste modo, “Adelaide Cabete entregar-se-á ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), organização feminista que teve, na época maior número de sócias, gozou de maior longevidade (1914-1947) e mais se internacionalizou”.⁴⁹

Convictamente feminista, Adelaide Cabete foi sensata ao ponto de entender a distância em que se encontravam as mulheres da paridade, que verdadeiramente pretendia ver consignada na lei e na prática. Atenta, foi usando a escrita, consciente da força da palavra esboçando os seus ideais de feminismo centrados na dignidade e no respeito da pessoa humana, pois considerava homem e mulher par-

tilhando a mesma humanidade, ontologicamente iguais. A rectidão e o sentido de justiça, evidenciam-se mostrando não ter dois pesos nem duas medidas, pelo que advoga para direitos iguais deveres iguais. A propósito da combinação tantas vezes inviabilizada pelo casamento com a compatibilização do exercício da actividade profissional feminina, chega a afirmar noutro ensaio, intitulado “A dobrez do homem: o pai e o marido perante a mulher”: “O casamento nunca deve ser um acto para descansar, mas sim uma nova vida, onde os dois nubentes entrem com toda a coragem, para despenderem energias, que são necessárias para educação das novas vidas que desse núcleo vão surgir. É assim que o casamento deve ser encarado por toda a mulher que é feminista na verdadeira acepção da palavra, porque, neste caso, ela é considerada pelo marido como uma igual e não como uma inferior, a quem ele considera, na maioria dos casos, como uma governante com mais algumas prerrogativas, que os homens cedem muitas vezes por esmola, e mais nada”.⁵⁰

Cabete soube, ainda, ser boa conselheira, mostrando às mães como deveriam proceder a bem da causa feminista, pensando no futuro das suas filhas, sugerindo-lhes: “[façam] propaganda feminista entre os homens que tenham filhas. Não sejamos egoístas: para que o nosso trabalho seja perfeito e seguro, preparemo-lo para as mulheres de amanhã o aproveitarem. E o que V. Ex.^a tem a fazer desde já é preparar as suas duas filhas para viverem do seu trabalho honesto, visto que não são ricas, e dar-lhes uma perfeita noção da sua dignidade pessoal, ilustrá-las e dignificá-las,

de modo que os maridos vejam nelas mais alguma coisa do que a besta de carga e a máquina de fazer filhos, como dizem alguns escritores balofos e algumas banalidades masculinas”.⁵¹

Em 1928, quando decorria o 2.º Congresso Feminista e da Educação, o sentir das anti-feministas era uma realidade expressa. A exemplificá-lo a jornalista Marta Mesquita da Câmara argumenta que ao tornar-se feminista: “a mulher sai do seu domínio próprio”.⁵² Os combates contra o feminismo residiam, afirmavam as militantes do CNMP, lideradas por Adelaide Cabete⁵³, no desconhecimento acerca do mesmo, mas o panorama seria outro, quando fosse realmente conhecido, como dizia Carmen Marques, em *O Rebate*, em 1928: “Quando todos souberem que o feminismo é a guerra à prostituição, é a luta a favor da criança e da mulher, é a luta pela criação do novo espírito cívico que faça de todos os infelizes e desprotegidos, pela educação e dedicação dos instruídos e fortes, instruídos e fortes como eles na medida da sua natureza”.⁵⁴ Anteriormente encontramos também homens, como é o caso de Ribeiro de Carvalho, opinando sobre a reivindicação para a mulher no seu sentido mais amplo a todos os cargos civis, funções de Estado “na baixa e na alta burocracia”, declinando a atitude mais paternalista da expressão “proteger a mulher” preferindo afirmar “torná-la nossa igual”.⁵⁵

Esta noção mais progressista, ligada às correntes republicanas, preconizava senão a igualdade em direitos políticos, pelo menos, em termos civis, defendendo o direito ao trabalho e a todas as categorias e ramos da actividade

humana. A igualdade seria tanto mais justificada quanto alicerçada na convicção de que sairia beneficiada não só a mulher mas toda a sociedade: “As [mulheres] que não têm um lar, as que não têm uma família, as que não podem aspirar a ser esposas ou a ser mães - terão um meio, assim, de fugir à prostituição e à fome.[...] Libertemos a Mulher, não protegendo-a com esmolas, mas emancipando-a, pelo trabalho digno e honesto”.⁵⁶ Só dessa forma se contraria a “escravatura da mulher” libertando-a pela autonomia permitida pela auto-suficiência. Quando a mulher se bastar a si própria terá conquistado a sua “carta de alforria”. À mulher deverá ser permitido alcançar, pelo trabalho e pelos direitos, a igualdade. Caso contrário terá a chamá-la uma vida de miséria, fome e morte miserável, diz-nos ainda Ribeiro de Carvalho que, nesse caso, se abre o caminho mais imediato, o da prostituição. (Doc. 12 da Antologia)

Também Bernardino Machado, seis anos antes, associo a imperiosa necessidade de legislar no sentido de ser assegurada a protecção à mulher e aos menores, antevendo a intransponibilidade das barreiras que de outro modo inviabilizariam a entrada destes no mundo laboral. A este propósito torna-se incontornável lembrar o discurso proferido por este político em Coimbra, durante o Congresso da Liga contra a Tuberculose, em Abril de 1904, concluindo-se: “1.º - Há um direito novo do operariado, e, em especial, da mulher e do menor, que é necessário proclamar bem alto, inscrevendo-o na legislação civil. 2.º - O protecçãoismo aos industriais deve ter sobretudo por fim o protecçãoismo aos operários, e, primeiramente, às mulheres

e aos menores. [...] 9.º - Cumpre tornar extensiva a todas as classes de trabalhadores e profissões a protecção social para com os menores e as mulheres”.⁵⁷

Estas posições foram partilhadas por Adelaide Cabete que cedo compreendeu a necessidade de disposições legais que salvaguardassem os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos, com particular acuidade das grávidas, na actividade laboral. Mas, mais ainda, se destaca a importância por ela dada ao acesso da mulher à esfera política, não se restringindo à consignação de direitos cívicos, reclamando o reconhecimento de direitos políticos a esta. Nesta linha pronunciar-se-á, em 1912, a propósito do lugar da mulher na política, reflectindo: “Não tornar extensiva ao governo de uma nação a acção de quem deu provas de capacidade no governo de sua casa, que é uma nação em miniatura, afigura-se-nos uma grandessíssima injustiça contra a qual a mulher deve sempre lavar o seu protesto”.⁵⁸

Nos cinco anos que viveu em Luanda, encontramos-a por mais de uma vez a comentar e criticar, numa escrita marcada pela sagacidade e sentido de humor, determinados passos de artigos ou intervenções dos quais discorda, contrariando e enfrentando os seus autores nos órgãos noticiosos mais representativos da época. É, nessas circunstâncias, editado no diário da tarde, órgão dos interesses económicos da colónia, o texto “A Mulher e a inteligência”.⁵⁹ (Doc. 14 da Antologia) Convive com os membros da comunidade científica luandense, entre os quais se destaca o médico e colega Dr. António Damas Mora, com quem partilha convicções e troca conhecimentos. Apesar de alguma

relutância inicial em intervir publicamente, como deixa saber escrevendo ao redactor de *A Província de Angola*, a propósito de um “suelto” editado a 31 de Outubro de 1930: “Tinha deliberado não escrever sobre feminismo nos jornais desta terra [Luanda] em vista de ter observado a oposição que a maior parte dos seus habitantes faz às doutrinas feministas, mas em virtude de várias circunstâncias não posso deixar de defender publicamente este ideal e de continuar, se V. o permitir, a esclarecer outras medidas de grande alcance social, pacifista e humanitária, que as mulheres com a interferência nos negócios públicos têm exposto e defendido”.⁶⁰ Adelaide Cabete acaba por não resistir e desde então passa a ser presença assídua nos jornais locais.

Embora tenha residido em Angola apenas cinco anos, os frutos do trabalho que Adelaide Cabete aí realizou foram inúmeros e visíveis. Excedendo a esfera da escrita, como articulista e colaboradora em vários periódicos locais como *Última Hora*, *Ilustração Colonial*, *Farolim* ou *Actualidades*, entre outros, refira-se que continuou a escrever para jornais e revistas de Portugal continental, assinando textos em *Portugal Feminino*, *O Protesto* ou na *Pensamento*.⁶¹ Um leque significativo de reputadas feministas era presença constante nas colunas da *Pensamento*, contando-se entre elas Maria O’Neill, Angélica Porto, Maria Clara Correia Alves ou ainda Julieta Ferrão. A participação de Adelaide Cabete faz-se a diferentes níveis, textos de carácter científico sobre Botânica, ou de pendor de maior intervenção social como é o caso do texto “As mulheres no professorado

primário”,⁶² em que se bate pelo tema de fundo “para trabalho igual, salário igual” e pela qualificação e progressão tendo por base critérios de mérito. Cabete adianta: “a mestre-escola deve ganhar tanto como qualquer outra professora, pois é ela quem mais trabalho tem connosco e de quem conservamos por toda a vida mais doce recordação”, promovendo a um nível superior as educadoras dos níveis mais elementares de instrução, porquanto termina dizendo, “não é ela a nossa segunda mãe?”.⁶³

Adelaide Cabete foi alvo de críticas cujo sarcasmo atingiu, por vezes até, formas grosseiras. A caricatura foi usada frequentemente, e não só em Portugal, de modo a minorizar as feministas. Os desenhos que Sella Hasse faz das delegadas ao congresso feminista,⁶⁴ nomeadamente caricaturando a portuguesa Adelaide Cabete, a alemã Adela Schreiber e a japonesa Mugiawa, deixam bem patente o aproveitamento do elemento grotesco transposto para o desenho publicado, em que a fealdade e a obesidade são traços. A figura de Adelaide assemelha-se à japonesa pelo corte de cabelo “à joãozinho”, “à la garçon”, alvo de tanta crítica também anti-feminista,⁶⁵ e o seu corpo ao de um boneco “sempre em pé”, tendo sido exageradas e distorcidas as proporções da sua forma.

Os aspectos ligados à beleza e à imagem feminina são usados como argumento detractor das feministas, pretendendo associar o seu protagonismo à falta de atractivos de outra natureza. Este ponto é retomado com muita frequência e Elina Guimarães dá conta da indiferença de

Adelaide, que não mostrou sentir-se ofendida com as críticas feitas à sua figura, quer às suas formas mais avantajadas, quer a propósito do seu buço, que levou a que a apelidassem de “senhora de bigode”. Um ano antes da sua morte Adelaide Cabete afirma acerca de si própria, uma vez mais deixando transparecer o seu sentido de humor: “Sou insuspeita na opinião que vou dar pelas minhas 67 primaveras já feitas e pelo facto de ser considerada feia desde que nasci e além disso com o perfeito conhecimento desta qualidade”.⁶⁶ A lucidez e a frontalidade com que enfrenta as batalhas ao longo da vida, são também qualidades que vemos espelhadas na auto-análise e na imagem que tem e dá de si própria, primando por isento juízo e sensatez.

A combinação do binómio beleza/inteligência animou muitos textos ao longo dos séculos, chegando até aos nossos dias. Foi bastante citada a síntese crítica desenhada, em 1913, por Virgínia de Castro Almeida⁶⁷ e posteriormente publicada em Janeiro de 1925, em *Educação Social*,⁶⁸ periódico do qual também foi colaboradora Adelaide Cabete. “Pobres mulheres da minha terra!”, afirma a escritora. (Doc. 16 da Antologia) Já em 1928, no discurso de abertura do II Congresso Feminista e da Educação está também implícita a dicotomia na afirmação proferida por Elina Guimarães: “Ser verdadeiramente mulher não é, como para muitos, ocupar-se apenas de frivolidades, de bagatelas ou então não ter no mundo senão a preocupação da rotina doméstica. Repudiamos tanto a boneca fútil como a serva embrutecida. Para nós a verdadeira mulher é aquela moralmente forte, intelectualmente culta, que dentro da

sua esfera, qualquer que ela seja, cumpre conscientemente a sua missão social”.⁶⁹

Espelhando uma forte consciência da realidade sócio-profissional da mulher portuguesa, durante a Primeira República, Adelaide Cabete acabará por concluir que se deve mais às ocupações fabris do que à política o arrancar as mulheres do lar. A sua perspectiva era sempre a de que o trabalho dignificava a mulher e lhe permitiria alcançar o patamar de tranquilidade necessário à liberdade e à dignidade da condição feminina, independentemente do seu estado civil: “a mulher que conserva a sua profissão, trazendo para o casal os lucros do seu trabalho honrado, quer seja dando lições, quer seja pintando ou escrevendo, quer seja bordando, advogando ou clinicando, etc., essa mulher tornou-se melhor dona de casa do que qualquer outra, porque sabe por experiência própria quanto custa ganhar a vida para as necessidades do seu lar. E, assim, a sua independência material dá-lhe foros para a sua dignificação moral”.⁷⁰

O protagonismo de Adelaide Cabete em movimentos sociais ter-se-á ficado a dever às suas qualidades humanas, aliadas às competências científicas e profissionais exibidas. Enquanto militante activa nestes movimentos revela ter sabido criar um patamar alargado de colaborações, reunindo em torno de si uma vasta panóplia incluindo diferentes sensibilidades e convicções, almejando conquistar para as causas que a moviam um sem números de adeptos e adeptas. A expressão máxima desse sentido organizativo encontra-se espelhado pelo modo como foi mentora do I Congresso

Feminista e de Educação, cujo sentido transcende a designação por que ficou conhecido, pois como o aprecia Adolfo Lima: “O Congresso não foi feminista: foi, como devia ser, humano, - humano pela sua constituição (homens e mulheres); humano pelas suas aspirações e ideais predominantes; humano porque os votos emitidos não dizem respeito só a uma parte da humanidade, feminina ou masculina, mas sim a toda a humanidade. Pelas suas aspirações, pela sua acção futura, o Congresso não foi, pois, simplesmente feminista, mas de um humanismo integral. O Congresso trabalhou para a felicidade humana, sem distinções de sexo”.⁷¹

A capacidade de congregar esforços, mobilizando mulheres e orientando a sua energia para causas em prol dos outros foi constante e notória. Assim relata a notícia publicada sobre Maria de Lurdes de Sá Teixeira, a primeira mulher portuguesa a ter *brevet*: “É preciso voar, sim; mas faltam-me asas”⁷² e logo no final do mês a *Revista do Ar* reporta de “deveras interessante a iniciativa”⁷³ do CNMP, a qual será também divulgada a 31 de Março no *Actualidades*, onde se lê: “Uma subscrição para a compra de um avião a oferecer á primeira aviadora portuguesa”.⁷⁴ Posteriormente, no texto *Adelaide Cabete, Alma de Mulher*,⁷⁵ reproduz-se a imagem, que fora publicada em a *Ilustração Portuguesa*,⁷⁶ a propósito da recém criada Direcção do Centro Nacional de Aviação, constituída em 3 de Março de 1929, assinalando que Adelaide Cabete estivera desde o início ligada à história da aviação nacional, pela via do exercício profissional, ao afirmar-se: “Adelaide acompanha com entusiasmo os primórdios da aviação portuguesa,

sendo a primeira médica encarregada dos serviços de saúde do Centro Nacional de Aviação, pertencendo também aos corpos directivos deste centro com o cargo de primeira-secretária da Assembleia Geral”.⁷⁷

Do mesmo modo encontramos a indicação de que é sua a iniciativa para que seja formada em Portugal a Associação das Mulheres Universitárias Portuguesas (AMUP), no início do ano de 1929.⁷⁸ Um grupo de mulheres, Maria Ana Faleiro Magalhães, Humberta Areias, Rosa Rita Maria Gracinda da Silva Pereira, Tetralda Teixeira de Lemos e Rosinda Silva, entre outras são algumas das estudantes universitárias chamadas a integrar a associação. Na sequência do Congresso da Federação Internacional das Mulheres Universitárias, decorrido em Madrid em Setembro de 1928, a médica portuguesa fez todos os esforços para criar a AMUP a fim de vir a integrar a Federação pois considerava-a uma importante organização científica, que nessa altura já reunia mais de 46 500 mulheres, representando 31 países. Esta organização contava com algumas das mulheres estrangeiras também feministas que eram conhecidas e próximas de Adelaide Cabete como é o caso de Elisa Soriano e Clara Campoamor. Uma notícia de finais de Setembro revela: “É neste meio de elevada cultura feminina que Portugal vai colaborar por intermédio da ilustre médica sr.^a D. Adelaide Cabette que para este fim recebeu reiteradas solicitações”.⁷⁹ Contudo, tal não se veio a concretizar, apesar de ter nome escolhido e local de funcionamento, como *O Povo* chegara a anunciar: “A secção portuguesa adoptará o nome de Associação de Mulheres Universitárias de Portugal e

dentro em breve vai entrar em grande actividade. A sede da nova agremiação é na Praça dos Restauradores, 13, 2.º”.⁸⁰ As circunstâncias económicas do nosso país e a conjuntura político-social não eram de feição.

Foi imparável militante, continuamente recrutando e convidando à participação nos movimentos que promovia, estimulando e cativando as mais novas, como Elina Guimarães ou Sara Beirão, para só nomear duas das mais jovens, para integrarem o CNMP.⁸¹ Em “Às leitoras” de *Alma Feminina*,⁸² Elina de Guimarães, ao assumir a direcção da revista, dada a partida de Adelaide Cabete para Angola, expressa a obra daquela que designa por “alma do movimento feminista português”. Resumindo a biografia de Cabete à frase “Uma vida inteira devotada à prática do bem, especialmente à dignificação da mulher”, não deixa de acrescentar: “A ela se deve, a par de muitas outras iniciativas de largo alcance social, a fundação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, a única agremiação feminista da nossa terra, que, embora modesta, sempre tem sabido, podemos afirmá-lo com orgulho, manter uma linha de correcção e nobreza que lhe granjeou o respeito até dos adversários. Graças ao Conselho - ou antes à sua presidente - que com sacrifício pessoal tanta vez o representou no estrangeiro, é que as mulheres de Portugal devem as suas relações com as grandes ligas mundiais femininas, de outro modo as desprezariam como menos cultas e inteligentes”.⁸³

A estas atitudes juntava traços de personalidade que faziam dela uma líder imbatível. Maria Helena Carvalho dos

Santos lembra-o: “Nos princípios do Século XX // uma mulher médica, // que tinha nascido alentejana, // ouvia os clamores surdos dos que não têm voz // e imaginava as promessas // da política nova que invadia os espíritos. // A República seria a mãe dos pobres!”.⁸⁴

Os aspectos já assinalados tomam feições distintas consoante Adelaide transmite os conhecimentos úteis para as temáticas mencionadas, face a diferentes interlocutores. Vemo-la diferenciar os modos e meios de intervenção consoante a consciência que tinha das possibilidades em se fazer entender, procurando dessa forma conseguir maior eficácia e potenciar a receptividade às suas propostas. Desta maneira revela uma perspicácia louvável no modo como prepara as suas intervenções. Assim fará nas preleções dadas. Proferiu inúmeras conferências em várias sociedades de instrução e ensino; a título de exemplo registamos a série programada para o curso de puericultura, que teve lugar na Universidade Popular Portuguesa. “Higiene e Puericultura: curso especialmente destinado a senhoras” foi por si regido durante o ano de 1924-25. Mas também e ainda nos textos que escreve usando a forma de diálogo entre mãe e filha. Os textos que produz, de natureza estritamente científica, vão na linha de propagar conhecimentos úteis e o facto de assinar o nome, seguido da profissão, médica, visa conquistar a confiança do público leitor certamente ainda divididos entre a crença na ciência ou na superstição. Quando não na combinação de ambos. Outros artigos, porém, resultam de sínteses conseguidas a partir de palestras ou estudos feitos anteriormente. Teve,

na verdade, uma intensa actividade escrita e, paralelamente, salientou-se pelos dotes de exímia oradora, como muitos dos textos publicados em sua homenagem deixam saber.

Uma característica perpassa dos dados recolhidos acerca de Adelaide e da imagem com que ficamos do seu dia-a-dia: a primazia por si concedida à leitura, que alimentou em todos os momentos reflectindo regularidade nos seus hábitos, que quis e soube manter constantes, até à morte. A preocupação em manter-se actualizada, mostrando-se uma leitora compulsiva da imprensa escrita coeva, nacional e estrangeira, confere-lhe um estatuto singular entre as mulheres, pois não era frequente as senhoras fazerem-no sistematicamente, nem tão pouco nesta esfera dos conhecimentos. Os folhetins, tão em voga no século XIX, continuavam a fazer as alegrias da grande maioria das leitoras femininas.

A firme e recta intenção de fazer chegar ao maior número de pessoas conceitos de higiene e de valores morais conferem com o padrão de higienista e publicista a que sempre esteve ligada. A expressão do seu envolvimento nestas questões é tanto mais importante quanto à época, a relação entre médico e população estava longe de ser a que vivemos actualmente. Os curandeiros, as “mezinhas”, as “benzeduras” e a superstição eram os gigantes contra os quais desde cedo Adelaide Cabete combateu, numa hercúlea batalha contra a ignorância que, no seu entender, os alimentava. Também em Angola lutou pela propagação de conhecimentos úteis, estabelecendo uma verdadeira

cátedra na relação pioneira e de proximidade com os mais carenciados. As conferências oferecidas em Luanda revelam a constante defesa da maternidade e das circunstâncias de desenvolvimento pré-natal e infanto-juvenil, com especial ênfase dada à primeira infância. Em virtude do seu vasto conhecimento prático, resultante de anos e anos de exercício clínico, aliado a uma constante e atenta procura de actualização de conhecimentos científicos, quer através de leituras, quer assistindo a sessões especializadas, Adelaide Cabete acabou por desenvolver extensa matéria que legou às gerações futuras com muita precocidade. Muitos dos textos de índole científica que produziu, com preceitos e disposições que hoje designaríamos por “boas práticas”, - por exemplo, recomendações à frequente lavagem das mãos -, passavam pela simplicidade somente atingida pelos detentores de grande domínio do conhecimento, determinados em promover a sua divulgação. Prova disso são os «diálogos entre mãe e filha» (Doc. 17 da Antologia).

Adelaide Cabete não chega a celebrar o 25.º aniversário da proclamação da República, como certamente sonhara. Morre em 14 de Setembro de 1935, a escassos dias da comemoração de 5 de Outubro de 1910, na sua residência, então no Largo Dr. Afonso Pena, 52, r/c, vítima de insuficiência cardíaca. Segundo a anotação no registo de óbito, sofria de miocardite crónica. A sua vida foi, em múltiplos trechos e aspectos lembrada, exaltada, e simultaneamente, chorada.

Notas

- ¹ Angelina Vidal, “Feminismo”, *A Chronica*, nº 157, Agosto, 1906, p.2, col. 1.
- ² *Idem*, p. 1, col. 3 e p. 2 col. 1.
- ³ Samara, Alice, “Adelaide Cabete, a incansável lutadora”, *Operárias e Burguesas. As mulheres no tempo da República*, 2007, p. 100.
- ⁴ Cabete, Adelaide, “Actividade profissional da mulher”, *República Social*, Porto, n.º 343, 8 de Setembro de 1928, p.1, col. 2.
- ⁵ Cabete, Adelaide, “A Mulher e a inteligência”, *A Província de Angola*, 17 de Agosto de 1932, p. 2, cols. 2-3.
- ⁶ “D. Adelaide Cabete”, *A Chronica*, n.º 149, Dezembro, 1905, p. 2, col. 1.
- ⁷ Arquivo do Hospital de Santa Maria: Espólio da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, pasta n.º 1, Adelaide Cabete.
- ⁸ *Álbum Republicano*, 1908, p. 150.
- ⁹ *Correio Elvense*, 22 de Agosto de 1900, p. 1, col. 2.
- ¹⁰ Cf. A título de exemplo, *A Província de Angola*, 5 de Janeiro de 1931, p. 4, col. 3.
- ¹¹ Guimarães, Elina, “Uma alma de mulher. A Dr.ª Adelaide Cabete”, *Correio Elvense*, n.º 267, 17 de Novembro de 1935, p. 1, col. 3.
- ¹² *Ibidem*.
- ¹³ *Ibidem*.
- ¹⁴ Cabete, Adelaide, “Hygiene da mulher segundo as edades”, *A República*, 10 de Junho de 1908, p. 2, col. 5.
- ¹⁵ *Ibidem*.
- ¹⁶ Cabete, Adelaide, “Aborto provocado”, *A Mulher e a Criança*, n.º 21, Fevereiro, 1911, p. 4.
- ¹⁷ Marques, Regina, *O Aborto*, Lisboa, Ela por Ela, 2006, p. 87.

- ¹⁸ Cabete, Adelaide, “Amamentação mercenária”, *A Republica*, 22 de Outubro de 1908, p. 2, cols. 3, 4 e 5.
- ¹⁹ Cabete, Adelaide, *A protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento physico de novas gerações*. Dissertação inaugural apresentada e defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Lisboa, [Typografia Mattos Moreira & Pinheiro], 1900, p. 89.
- ²⁰ Jorge, Ricardo, *apud* Cabete, *ibidem*.
- ²¹ Costa, Alfredo da, *apud* Cabete, *ibidem*.
- ²² Cabete, Adelaide, *A protecção às mulheres*, p. 90.
- ²³ A este propósito cumpre ressaltar o esforço da médica, feito em conjunto com o sobrinho Arnaldo Brasão, que chegou a participar em congressos internacionais da temática e foi dinamizador do combate à prostituição regulamentada, co-organizando os encontros abolicionistas, que tiveram lugar em Lisboa, em Agosto de 1926 e Maio de 1929.
- ²⁴ Cabete, Adelaide, “A Moda e a Higiene: Saias Curtas”, *Portugal Feminino*, n.º 7, Agosto, 1930, p. 6, col. 1.
- ²⁵ *Idem*, col. 2.
- ²⁶ *Ibidem*.
- ²⁷ Cf. Lousada, Isabel “Adelaide Cabete: entre a eugénica e engenética na defesa da *Res publica*”. In Carlos Ceia *et. als.* (org.), *Letras & Ciências: as duas culturas de Filipe Furtado*. Lisboa, Caleidoscópio, 2009, pp. 511-531. Veja-se, ainda, Cabete, Adelaide, “Seleccção Humana”, *Alma Feminina*, n.ºs 3-4, Março e Abril, p. 1, n.ºs 5-6, Maio e Junho, pp. 20-22; n.ºs 7-8, Julho e Agosto, 1931, pp. 27-28.
- ²⁸ Cabete, Adelaide, “Seleccção Humana”, *Alma Feminina*, n.º 5-6, Maio e Junho, 1931, p. 22.
- ²⁹ *Ibidem*.
- ³⁰ *Ibidem*.
- ³¹ “Resposta a ‘Concorda com a realização do concurso’: Qual a mulher mais bonita de Loanda?” *Actualidades*, 28 de Junho de 1934, p. 1, col. 3.

- ³² Cabete, Adelaide, “Seleção Humana”, *Alma Feminina*, n.º 5-6, Maio e Junho, 1931, p. 22.
- ³³ Cabete, Adelaide, *Eugénica e Eugénica. Tese apresentada ao 2.º Congresso Nacional Abolicionista*, Lisboa, [Artegráfica], 1929.
- ³⁴ A título de exemplo refira-se que a sede da Liga Portuguesa Abolicionista, correspondia à morada do consultório de Adelaide Cabete, sito na Praça dos Restauradores, n.º 13, 2.º, em Lisboa. Curioso será lembrar que ao fazer-se o balanço do I Congresso Abolicionista realizado em Agosto de 1926 foi referido ser o factor educativo, o ponto-chave para se poder actuar eficazmente contra a prostituição, atribuindo à falta de educação da mulher, a determinante para a sua queda. A luta contra o meretrício foi, nesse primeiro encontro, participada por inúmeros congressistas, sobretudo professores. No caso do II Congresso Abolicionista refira-se que foram convidados, para além da médica, e entre outros, António Ferrão, Angélica Porto, Emílio Costa, Beatriz de Magalhães, Maria O’Neill, Agostinho Fortes, Elina Guimarães, para além do pedagogo Adolfo Lima.
- ³⁵ *Actualidades*, Lisboa, 20 de Janeiro de 1929.
- ³⁶ Muitos dos textos que assina em *A Batalha*, disso mesmo dão conta. Estes são assinados por Adelaide Cabete e invariavelmente seguidos da inscrição acerca do seu estatuto profissional, i.e., médica. Cf. Isabel Lousada, “A batalha de Adelaide Cabete em *A Batalha* - higienismo no feminino”. In *Actas do Congresso Feminista 2008*, CD-ROM, Lisboa, UMAR, 2009.
- ³⁷ *Idem*.
- ³⁸ Adelaide Cabete define estes termos referindo: “Entende-se por *Eugénica* ou *Eugénia* o estudo dos factores susceptíveis de modificar para bem ou para mal, as qualidades da raça das gerações futuras, tanto física como moralmente. Enquanto a eugénica, estuda as condições mais favoráveis à reprodução

para as aplicar com o fim de conservar e melhorar a espécie humana. [...] A eugénica é por assim dizer a profilaxia referente à procreação dos tarados”. *Eugénica e Eugénica. Tese apresentada ao 2.º Congresso Nacional Abolicionista*, Lisboa, [Artegráfica], 1929, p. 1. Consulte-se, ainda: Isabel Lousada, “Adelaide Cabete: entre a eugénica e engenética na defesa da *Res publica*”. In Carlos Ceia et. als. (org.), *Letras & Ciências: as duas culturas de Filipe Furtado*. Lisboa, Caleidoscópio, 2009, pp. 511-531.

³⁹ Cabete, Adelaide, *A protecção às mulheres ...*, p. 94.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*, p. 95

⁴² Cabete, Adelaide, *Almanach Democrático para 1908*, Lisboa, [1907], pp. 22-23.

⁴³ Carta da médica dirigida em Março de 1911, à Loja Obreiros do Trabalho, denunciando a superstição e a crença que a maçonaria deveria combater, assinando com o seu nome simbólico, na qualidade de Venerável (BN, N47, Cx1).

⁴⁴ Indicação recolhida do periódico *A República*, 18 de Agosto de 1908, p. 2, na sequência da publicação de uma carta dirigida a Adelaide Cabete com o título “O plebiscito das mulheres portuguesas” e assinada por Maria da Cruz Albuquerque (Covilhã).

⁴⁵ Esteves, João, *As Origens do Sufragismo Português*, Lisboa, Bizâncio, 1998

⁴⁶ *Boletim dos Estudos Operários*, Dezembro, 1985, pp. 77-78.

⁴⁷ Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres - *Elina Guimarães: Uma Feminista Portuguesa, Vida e Obra (1904/1991)*, Lisboa, CIDM, 2004, p. 36.

⁴⁸ A este propósito veja-se também Isabel Lousada, “International Expectations: ICW - Prelúdio para o CNMP, *Faces de Eva*, n.º 22, 2009.

⁴⁹ Adão, Áurea e Remédios, Maria José, “Adelaide Cabete. A pedagogia no feminino”, *História*, n.º 74, Lisboa, 2005, p. 38.

- ⁵⁰ Cabete, Adelaide, “A dobrez do homem: o pai e o marido perante a mulher”, *Educação Social. Revista de Pedagogia e Sociologia*, 15 Março, 1925, p. 66.
- ⁵¹ *Idem*, p. 68.
- ⁵² Mesquita, Marta, *apud*, Elina Guimarães, “Uma adversária do feminismo”, *O Rebate*, 4 de Julho, 1928, p. 1, col 1.
- ⁵³ A então presidente do CNMP chegou mesmo a envolver-se nesta troca de “galhardetes” publicados em jornais como *O Rebate* e *Novidades*, subscritos respectivamente por Elina Guimarães e Marta Mesquita da Câmara. Claro exemplo do que ficou dito é o expressivo texto que faz sair em defesa de Elina Guimarães intitulado «o horror à palavra ‘feminismo’» quer em *O Rebate* quer também na *Alma Feminina*, n.º 6, Novembro-Dezembro, 1928, pp. 9-11.
- ⁵⁴ Carmen Marques, “O Feminismo vai vencer”, *O Rebate*, n.º 229, 4 de Julho de 1928, p. 1, col 2.
- ⁵⁵ Ribeiro de Carvalho, “Emancipemos a mulher”, *O Radical*, Leiria, 25 de Janeiro de 1912, p. 1.
- ⁵⁶ *Idem*.
- ⁵⁷ Machado, Bernardino, *Da Monarchia para a Republica, 1883-1905*, Coimbra, [s.n.], 1905, pp. 370-371.
- ⁵⁸ Adelaide Cabete, “A mulher na política”, *Almanach das Senhoras para 1913*, [1912], p.151.
- ⁵⁹ Cabete, Adelaide, “A Mulher e a inteligência”, *A Província de Angola*, 17 de Agosto de 1932, pp.1-2.
- ⁶⁰ Cabete, Adelaide, *A Província de Angola*, 3 de Novembro de 1930, p. 2, col. 1.
- ⁶¹ Referimo-nos a *Pensamento, Revista Internacional. Divulgação Social e Científica*.
- ⁶² Cabete, Adelaide, “Instrução Popular: As mulheres no professorado primário”, *Pensamento, Revista Internacional. Divulgação Social e Científica*, n.º 8, Novembro, 1930, pp. 174-175.
- ⁶³ *Idem*, p. 175, col. 2.

- ⁶⁴ Ver caricatura em Martins, Maria João, “Lutadores. Adelaide Cabete”. In *Divas, Santas e Demónios*, vol. 2, Lisboa, Assírio Bacelar, 1994, p. 155.
- ⁶⁵ Cf. Guinote, Paulo, *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, Lisboa, CIDM, 1997, 2 vols.; Marques, Maria Gabriela, *A garçonne em Portugal nos anos vinte*. Dissertação de mestrado em História Económica e Social Contemporânea, Universidade de Coimbra, 2002; Vaquinhas, Irene, *Senhoras e Mulheres na Sociedade Portuguesa do séc. XIX*, Lisboa, Edições Colibri, 1999.
- ⁶⁶ “Resposta a ‘Concorda com a realização do concurso’: Qual a mulher mais bonita de Loanda?” *Actualidades*, 28 de Junho de 1934, p.1, col. 3.
- ⁶⁷ Almeida, Virgínia de Castro, *A Mulher. História da Mulher. A Mulher Moderna. Educação*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1913, pp. 16-17.
- ⁶⁸ *Idem*, “Advento do catolicismo”, *Educação Social, Revista de Pedagogia e Sociologia*, 15 de Janeiro, 1925, p. 57.
- ⁶⁹ Guimarães, Elina.
- ⁷⁰ Cabete, Adelaide, “A dobrez do homem: o pai e o marido perante a mulher”, *Educação Social. Revista de Pedagogia e Sociologia*, 15 de Março de 1925, p. 66.
- ⁷¹ *Educação Social, Revista de Pedagogia e Sociologia*, 15 de Julho de 1924, p. 28.
- ⁷² *Actualidades*, 13 de Janeiro de 1929, p. 5.
- ⁷³ *Revista do Ar*, 30 de Janeiro de 1929, p. 10.
- ⁷⁴ *Actualidades*, 31 de Março de 1929, p. 3.
- ⁷⁵ Mascarenhas, João (coord.), *Adelaide Cabete. Alma de mulher*. Lisboa, ed. C.M.L., 1997.
- ⁷⁶ *Ilustração Portuguesa*, N.º 421, de 16 de Março de 1914, p. 331.
- ⁷⁷ Mascarenhas, João (coord.), *Adelaide Cabete ...*, p. 18.
- ⁷⁸ Cf. *Actualidades*, 27 de Janeiro de 1929, p.4, cols. 1-4.
- ⁷⁹ *O Povo: Diário Republicano da Tarde*, 25 de Setembro de 1928, p. 1, col. 4.

⁸⁰ *Idem*, 19 de Setembro de 1928, p. 1, col. 2.

⁸¹ Ver Costa, Célia Rosa, *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947). Uma organização feminista*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2007; Eduardo, Joaquim Mário, *Adelaide Cabete (1867-1935). Biografia de uma professora feminista*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2004; Esteves, João, “Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)”. *Faces de Eva*, n.º 15, 2006, pp. 113-135.

⁸² Órgão do CNMP.

⁸³ Guimarães; Elina, “Às leitoras”, *Alma Feminina*, n.º 5, Setembro-Outubro, 1929, p. 3.

⁸⁴ Santos, Maria Helena Carvalho, In Portugal. Teatro Nacional D. Maria II, *A Maçon* [de] *Lídia Jorge*, Lisboa, ed. Teatro Nacional D. Maria II, 1997, p. 24. [programa].

Antologia

1. Em defesa da fundação das maternidades

“Não existe em Portugal uma única instituição desta natureza! Existe em Lisboa uma enfermaria apenas, onde por falta de espaço só entram as parturientes que se encontram nos momentos próximos da dequitação. Grandes esforços tem empregado há muito o ilustre director dessa enfermaria, sr. Dr. Alfredo da Costa para que, anexa ao hospital de S. José, seja criada uma maternidade em condições de satisfazer as exigências que naturalmente impendem a uma grande cidade; mas tudo tem sido baldado. Alega-se sempre como insuperável óbice, a penúria do tesouro, sem atentar no imenso mal que uma tão condenável falta origina.

[...] vê-se a vergonha suprema de nem sequer uma maternidade haver na capital da nação. Não há dinheiro. [...]. E o remédio seria a criação de maternidades que, além das vantagens fisiológicas, que são óbvias, têm as vantagens morais; visto que, qualquer mulher prestes a ser mãe, não podendo dar a seu filho pai legítimo, acharia ao menos ali um refúgio onde esconder a sua suposta vergonha, evitando-se deste modo que ao seu espírito doente assomasse a ideia do crime, como tantas vezes sucede. Não há dinheiro para maternidades que seriam o mais formidável travão a empregar para a degenerescência da raça que desaparece a olhos vistos [...]

Não há dinheiro para maternidades, mas tem-no havido à prodigalidade criminosa e cínica para lubrificar o eixo da roda sinistra que tem arrastado o país para a beira do abismo, roda a cujos raios se tem agarrado sôfrega a alca-teia fatal que o tem governado, para o empurrar mais e mais no seu caminho veloz. [...] os governos do país ver-se-ão em breve tempo forçados a reduzir, no caso vertente, as suas exigências à modesta craveira do anão do sr. Grandela.”

(Cabete, Adelaide, “Hygiene da mulher segundo as edades”,
A República, 10 de Junho de 1908, p. 2, col. 5.)

2. O desenvolvimento físico da raça portuguesa

“E se pensarmos na camada social de que estamos tratando, nada há a esperar da higiene futura do recém-nascido, pode calcular-se quanto o mal será agravado em vez de modificado, no sentido da melhoria. Há-de ressentir-se forçosamente com isto o vigor do nosso povo, já de si pouco vigoroso por muitos motivos. Do único recenseamento militar de que existe uma estatística regular - o de 1897 - vê-se que de 47:833 mancebos inspeccionados com vista ao recrutamento, foram rejeitados por incapazes, tanto para a primeira como para a segunda reserva, 15:604 indivíduos.

[...] Á instituição científica de natureza consultiva [...] está naturalmente indicada uma elevada missão de civismo - lembrar aos poderes do estado a promulgação de

medidas, que, ao mesmo passo que insinuem no ânimo do povo a conveniência de cercar de todos os desvelos a mulher, numa situação legítima, em uma palavra, a mãe de família, no período da gestação, escudem também da necessária protecção a mulher, a quem um erro, que não é só seu, vítima, não por via dela, mas por causa do ente em via de formação, que nenhuma culpa teve das infracções dos progenitores - suscitar a observância das leis relativas aos menores e nomeadamente as disposições do artigo n.º 21, já transcrito, da lei de 14 de Abril de 1891, citada com louvor no estrangeiro, e de cujo artigo aludido se diz até que não tem análogo em qualquer outra legislação, mas que é letra morta, mas que não se cumpre, com grave detrimento dos entes a quem se tem em vista proteger, e também com menoscabo do decoro do poder, - e ainda incitar, falando-lhes ao patriotismo, as corporações municipais e administrativas do país a fundar instituições de protecção, tais como maternidades e creches naquelas cidades e vilas onde mais instantemente necessária se torne a sua criação, propondo-lhes normas de conduta que mais férteis em resultados se afigurem, - e por fim reclamar medidas de uma vigilância efectiva e de higiene para as fábricas estabelecidas nas suas áreas.

(Cabete, Adelaide, *A protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento physico de novas gerações*. Dissertação defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Lisboa, [Typografia Mattos Moreira & Pinheiro], 1900, pp. 91-92.

3. A moda e a saúde

Se estamos livres do espartilho, por enquanto, não acontece o mesmo com o salto alto. Os graves prejuízos que tais andilhas causam são lastimáveis. A mulher para se equilibrar modifica por completo a sua posição, inclinando-se para trás, visto que começa a andar nos bicos dos pés. As curvaturas da coluna vertebral deslocam a posição dos órgãos principais, sobretudo o útero, que é o que mais nos interessa neste caso. A criança desenvolvida num útero deslocado da sua posição normal não pode ter normalidade no seu desenvolvimento.

(Cabete, Adelaide, “Seleção Humana”,
“Alma Feminina”,
n.º 5-6, Maio e Junho, 1931, p. 22.)

4. Os concursos de beleza

Não posso concordar com semelhantes concursos, apesar de estarem em moda por todo o mundo, moda destruidora dos bons costumes das famílias e da boa educação que se deve dar à mulher debaixo do ponto de vista moral e cívico. Que resultados benéficos virão desses concursos?

As feias ficam tristes e raivosas por se verem excluídas do concurso. As bonitas tornam-se infelizes como tem acontecido a quase todas as «Misses» do mundo, ou ficam caluniadas por algum despeitado.

Um pouco melhor seria talvez porem em concurso: *Qual será a melhor filha, a melhor esposa ou a melhor mãe*, mas como esta classificação é muito difícil fazer-se pois dependia dum conhecimento muito perfeito de todas as senhoras em questão, iria por certo ferir susceptibilidades naturais e desculpáveis.

Deixem pois estar sossegadas as pobres senhoras de Luanda, bonitas e feias, pois bem precisam na presente ocasião de paz e sossego para melhor economizarem e administrarem os poucos proveitos com que ficam os pobres maridos e pais depois dos cortes do orçamento recém-nascido. Sou, pois, contrária a todos estes concursos não só pelas razões acima expostas mas também porque ficam muitas vezes vencidas as que deviam ficar vitoriosas.

(“Resposta a ‘Concorda com a realização do concurso’:
Qual a mulher mais bonita de Loanda?”
Actualidades, 28 de Junho de 1934, p. 1, col. 3.)

5. Tese sobre Eugenia e Eugénica

1.º Os tarados, principalmente os cancerosos e os doentes mentais, não deviam procriar.

2.º A mulher grávida devia ter o repouso de corpo e de espírito preciso, e uma alimentação apropriada.

3.º Toda a mãe tem por restrita obrigação amamentar o filho e as creches deviam antes alimentar as mães.

4.º Para quem cuida de crianças devem ser obrigatórios os conhecimentos eugénicos.

5.º A adolescência deve ser cuidada com todo o esmero, tanto física como moralmente.

6.º Os conhecimentos de Eugénica e da Eugenética devem ser obrigatórios para ambos os sexos, qualquer que seja a sua categoria social e a comprovação destes conhecimentos deve estar anexa ao bilhete de identidade para o acto do casamento.

(Cabete, Adelaide, “*Eugénica e Eugenética*”.
*Tese apresentada ao 2.º Congresso
Nacional Abolicionista*)

6. Em defesa da laicidade

Em todos os tempos houve mistificações e houve mistificadores. Em todos os tempos a Mentira guerreou a Verdade e não raro a levou de vencida. A coisa vem de longe. Vem do pai Adão e da mãe Eva. À Verdade também se chamou Bem e à Mentira chamou-se Mal.

O Bem e o Mal tiveram como Proteu a faculdade de envergar a fatiota que mais do que seu agrado fosse. O Mal, travestido de serpente, avizinhou-se da Eva e com falinhas mansas que a Astúcia bem conhece, persuadiu-a a comer do fruto da árvore conhecida, para se tornar deusa. Esta árvore era tanto do Mal como do Bem; mas este, que é amigo de viagens, achava-se então ausente.

A Eva comeu e gostou. Foi chamar o barbudo do Adão que, a instâncias dela, comeu também.

Deus havia-lhes imposto o preceito de não comerem de tal fruto sob pena de expulsão daquele lugar de delícias. E como a quem promete não falta, aplicou sem demora o castigo.

Depois vieram as censuras do barbudo à sua metade, a quem ele inculpava da desgraça que a ambos ferira. O Mal, a quem Deus castigou também pela sua soberba, cogitou uma vingança. Dito e feito. Barbeou-se muito bem barbeadinho, e vai com as falinhas mansas que nós já lhe conhecemos, fomentar a discórdia entre o homem e a mulher. Chega-se sorrateiramente ao barbudo e diz-lhe: «ela foi a tua desgraça; com seus afagos embelezou-te e perdeu-te; despreza essa criatura vil; olha que ela é tão vil, que nem sequer alma tem». O que o Mal queria, e sempre em ódio a Deus, era enganá-los a ambos. Fez templos sumptuosos, e com aromas esquisitos, que embriam os sentidos, e inauditas melodias que poriam em êxtase a alma de Orpheus, vai para ali trovejar cóleras postiças contra a pobre da mulher. O barbudo, que gostava da oração, mas que gostava também da sua metade, acabou por achar impertinente a insistência do Mal, o jogo do qual veio a descobrir por fim. E empenhou-se quanto pode em subtrair a carne da sua carne às sugestões do maligno.

Conseguiu-o um pouco. Mas o Mal, que não queria largar a sua presa, resolveu mudar de tática. E aquela que outrora nem alma tinha, passou a ser por ele idolatrada, e tanto, que até com ofensa da fisiologia lhe chama agora imaculada. Um embusteiro.

Queridas leitoras, o Mal aqui é o padre, que representa o espírito retrocesso.

Fugi do Mal, fugi do padre, dos seus sermões, das suas práticas. Fugi da igreja, que é a treva.

O Bem é o progresso, representado por todos os grandes espíritos, que combatem o Mal, e que se chamam Teófilo Braga, Bernardino Machado, Magalhães Lima, Manuel de Arriaga, Guerra Junqueiro e outros. Segui estes e ensinai vossos a segui-los. Ide às suas conferências, que são a luz, aos seus comícios, onde se prega a verdade. Eles querem para a nossa pátria dias mais felizes que os que vão decorrendo.

(Cabete, Adelaide, *Almanach Democrático para 1908*, Lisboa, [1907], pp. 22-23.)

7. Pelo combate contra a superstição

No momento presente em que o nosso país vem de libertar-se do jugo das instituições tradicionais, quando os grandes espíritos progressivos se encontram ainda empenhados em porfiada luta para expurgar o nosso meio social dos elementos clericais, que delas eram esteio basilar, toda a actividade dos Maçons deve convergir para auxiliar esse grande empreendimento moral, que é o complemento, indispensável, da obra iniciada pela Revolução.

As tendências fatalistas da nossa raça, agravadas com a falta de energia que nela determinou o alheamento da própria vontade, criado pela influência religiosa e pelos rigorismos inquisitoriais, tornaram-na campo aberto á

influência de todas as superstições, e é a este grande mal social que urge opôr um rude combate com medidas, enérgicas, de acção imediata.

Não está, porém, limitada a superstição à modalidade religiosa e do saneamento desta, cuida com mão vigorosa um alto espírito da república, coadjuvado pelas fortes vontades de todos os livres-pensadores.

Outra manifestação, porém, da mesma enfermidade moral - á primeira vista de somenos importância -, se nos está evidenciando a cada passo em uns alardes de vulgarização que afrontam os nossos espíritos de indivíduos cultos.

Creemos referir-nos ao número, relativamente grande, de Nigromantes e Adivinhas, [...]

Os que mercadeiam com as fraquezas morais não podem merecer a tolerância das leis de um país que está fazendo a Obra do seu ressurgimento moral.

Na Capital, e nas suas artérias aristocráticas, oferecem publicamente os seus serviços de carácter politico e moral, e ainda quase com atribuições clínicas, criaturas como M.me Brouillard, que tem a sua clientela de indivíduos de uma roda escolhida, e de bolsa bem recheada, que, pela informação dos jornais de maior publicidade...

(Carta da médica dirigida em Março de 1911,
à Loja Obreiros do Trabalho, denunciando
a superstição e a credence que a maçonaria
deveria combater, assinando com o seu nome
simbólico, na qualidade de Venerável
BN, N47, Cx1.)

8. O direito ao voto

Votei por uma questão de princípios; votando, votei pela Constituição contra a ditadura «A utopia de hoje é a realidade de amanhã»:

Quanta coisa que hoje existe não foi ontem considerada como utopia? Os visionários, os idealistas a quem os comodistas, os adaptados, chamam, com desdenhoso sorriso, utopistas, são, quando não vítimas de odientas perseguições, pelo mealvo do ridículo dos seus contemporâneos. Por isso, não poderá haver maior recompensa, maior consolação para o paladino de uma ideia do que poder assistir ainda à realização dela. Compreendemos, portanto, como se a sentíssemos, a satisfação com que a ilustre dra. Sra. Adelaide Cabete, foi, naquela manhã de domingo 16 de Abril, à assembleia eleitoral da Cidade Alta, meter na urna a lista com que dava a sua resposta à pergunta, que aos cidadãos se fazia, se aprovavam ou não a Constituição Política da República Portuguesa. Natural, justificada e compreensível satisfação essa, de, após, um quarto de século de propaganda inteligente e activa em favor da igualdade de direitos políticos e sociais para o seu sexo, ver, enfim, triunfante uma das suas, indiscutivelmente justas, reivindicações feministas. Foi a Dra. Sra. D. Adelaide Cabete, segundo cremos, a primeira e a única mulher que em Angola fez uso do direito de voto. Curioso, pois, achámos ouvir a ilustre feminista.

- Fui votar - disse-nos a ilustre senhora - por uma questão de princípio. Há tantos anos a protestar contra o

facto da mulher não ter direito ao sufrágio, seria uma incongruência, senão uma defecção, a minha abstenção neste momento. E saiba-se: dei o meu voto aprovativo, porque, sendo constitucionalista, prefiro a pior das constituições à melhor das ditaduras. Além disso, o meu voto não ia influir nada no resultado final, visto que, estando eu recenseada e abstendo-me, do mesmo modo era o meu gosto abstencionista contado como voto aprovativo, como o foi o daqueles que não quiseram usar do primordial direito de cidadão livre. E ainda mais: naquela altura, a Constituição estava já em pleno vigor na MetrÓpole como lei fundamental da Nação e, portanto, sabia muito bem que o meu voto nenhuma influência teria. O meu voto foi, pois, somente uma nova afirmação dos princípios feministas, que há dezenas de anos ando apregoando. Parece-me ter sido censurada, não foi por ter ido votar, mas por ter aprovado a Constituição. Regozijo-me hoje com essa minha preferência, pois, votando a favor, não emparceirei com os camisas azuis, ditadores por sistema e doutrinas políticas, cuja abstenção significava o seu desejo de que a ditadura continue, e encontrei-me com os liberais e republicanos que, não votando, aprovaram, também como eu, a Constituição...

(Boletim dos Estudos Operários, Dezembro, 1985, pp. 77-78.)

9. O olhar dos homens

Não passa uma ou mais senhoras por um grupo de dois ou mais cavalheiros, sejam velhos ou novos ou sejam de que categoria forem, que não salte um pelo menos a fazer considerações mais ou menos pesadas, conforme a sua *educação*, sobre a mulher que passa, mas fazendo sempre a diligência para que esta ouça a *amabilidade* e assim chegar ao requinte da *finura* e *delicadeza*. Pobres de espírito! As suas considerações são sempre feitas debaixo dum único ponto de vista: considerando-a exclusivamente como fêmea. Se é velha - que já não presta, se é nova que devia ser (para lhes agradar) mais assim ou mais doutra maneira, etc., etc., mas sempre a ideia fixa de sexualidade.

(Cabete, Adelaide, “As mulheres que passam”, *Igualdade*, 3 de Novembro de 1928, p. 4, cols.3-4.)

10. O sufrágio feminino

“Todos os novos partidos da República introduziram nos seus programas o voto feminino e, parece até que em alguns com letras bem gordas para se verem bem ao longe, e se não era para inglês ver era, pelo menos para as mulheres verem. Pois bem, quando os partidos ascendiam ao mando esqueciam o programa e as promessas, até o próprio partido democrático, partido que tantas vezes e por tanto tempo desfrutou o poder, pois até esse partido, incontes-

tavelmente o maior partido da República, nunca deu execução a essa parte do programa. Seria receio? Quanto a mim julgo que a causa era a amnésia, doença de que eram atacados todos os meus correligionários logo que subiam ao poder.

(Cabete, Adelaide, “O voto às mulheres e as ditaduras”,
A Província de Angola, 8 de Dezembro de 1931, p. 1, col. 2.)

11. Lei eleitoral

Segundo li num jornal desta cidade [Luanda], a lei eleitoral concede o direito de voto à mulher, mas também me disseram que pela mesma lei a mulher perde esse direito depois de casar. Isto é, a mulher, pela nova lei, quando chega à maior idade e com uma certa cultura, tem direito ao voto, mas só quando solteira, divorciada ou viúva, pois logo que case, perde esse direito e só o adquire temporariamente, quando o marido estiver ausente!

Comecei a cogitar qual seria a razão deste absurdo: Porque é que a mulher perde a faculdade moral e intelectual de poder votar, faculdade que já tinha adquirido, e repito, a perde logo que se liga ao marido? E porque é que, ao contrário, o homem só adquire esse estado de perfeição desde que se liga à mulher pelo casamento?

O meu bestunto explicou-me este facto da maneira seguinte:

Como o homem é um ser absorvente de toda a autoridade da mulher logo após o casamento, não admira que

lhe tire também e desta vez por necessidade e em seu benefício, a capacidade moral e intelectual que ela possuía de poder votar.

Ora, esta lei do voto, quanto aos sexos (se é como dizem), é realmente absurda, mas analisando-a bem é também uma lei feminista e parecendo não o ser, pois que toda a perfeição moral e intelectual que o homem possui para exercer o sufrágio foi, segundo se deduz, usurpá-la à esposa!

E seja tudo em desconto dos nossos pecados.

(Cabete, Adelaide, “O voto e a mulher”,
Farolim, 15 de Abril de 1933, p. 1, col. 2.)

12. Ribeiro de Carvalho e a emancipação feminina

Condorcet, o grande precursor do Feminismo dizia:
- Em nome de que princípio, em nome de que direito, se afastam as mulheres das funções públicas, em um Estado republicano? Eu não o compreendo. As palavras *representação nacional* significam - representação da Nação. Ora, por acaso, as mulheres não fazem parte da Nação? Esta assembleia tem por fim constituir e manter os direitos do povo francês? O direito de eleger e de ser eleito é atribuído pelos homens, a si próprios, por virtude de serem criaturas livres e inteligentes? Quanto mais interrogamos o bom senso e os princípios republicanos, menos encontramos um motivo sério para afastar as mulheres da política. Há um

argumento que aparece em todas as bocas e que consiste em dizer: abrir às mulheres a carreira política é arrancá-las à família. Mas, até este argumento cai pela base. Primeiro, não pode aplicar-se às mulheres que nem têm família nem vêem meio de a conseguir. Depois, se fosse um argumento decisivo, devia aplicar-se também às mulheres, que se empregam, aos milhares, em casas de modistas e em diversas outras ocupações industriais ou comerciais”.

(Ribeiro de Carvalho, “Emancipemos a mulher”,
O Radical, Leiria, 25 de Janeiro de 1912, p. 1.)

13. O lugar da mulher na política

Não tornar extensiva ao governo de uma nação a acção de quem deu provas de capacidade no governo de sua casa, que é uma nação em miniatura, afigura-se-nos uma grandessíssima injustiça contra a qual a mulher deve sempre lavar o seu protesto.

Manter o homem sistematicamente a mulher no completo alheamento de tudo o que respeita aos mais vitais interesses da sociedade é, a nosso ver, não só uma injustiça flagrante, mas ainda um esbulho feito á colectividade, que fica desse modo privada da experiência e do conselho da metade do seu todo, tão interessada como a outra metade em promover o bem estar social.

A filha, a esposa, a mãe, têm tanto interesse como o homem na felicidade colectiva.

Se a política, portanto, é a ciência de bem governar os povos, ela não pode deixar de interessar a toda a unidade social consciente e assim à mulher em geral.

(Adelaide Cabete, “A mulher na política”,
Almanach das Senhoras para 1913, [1912], p.151.)

14. “A Mulher e a inteligência”

Há dias realizou-se uma conferência no Liceu desta cidade, feita por um ilustre professor do mesmo Liceu e intitulada *A Mulher e a inteligência*.

Declaro desde já que não percebi a ligação entre o que o ilustre professor disse e o título da conferência, mas deste facto seria talvez culpa a minha fraca inteligência, visto, como mulher, não me ser permitido assimilar bem certos assuntos de alta transcendência como são os referentes à inteligência feminina...

Verdade seja dita, também, que o ilustre conferente declarou que não tinha autoridade para falar sobre o feminismo porque os seus estudos têm sido outros muito diferentes.

Não era preciso fazer aquela afirmação porque toda a gente sabe que não é feminista quem quer e que para se fazer uma conferência sobre tal assunto é preciso, em primeiro lugar ter cabelos brancos e terem estes nascidos na prática do ofício, qualidade esta, e felizmente para ele, que o ilustre conferente não possui ainda; em segundo

lugar, é também preciso ter-se visto por esse mundo fora as reuniões internacionais que as mulheres têm feito onde apresentam assuntos sociais de tal maneira elevados que recebem elogios das maiores sumidades masculinas, como prometo provar em artigos subseqüentes.

(Cabete, Adelaide, "A Mulher e a inteligência",
A Província de Angola, 17 de Agosto de 1932, pp.1-2.)

15. Em defesa do Feminismo

- V.^a Ex.^a continua sempre dando o seu esforço à causa feminista? D. Adelaide Cabette responde-nos imediatamente:

- Sempre. E Portugal, em especial, necessita da minha acção. O feminismo é uma questão humana e, como tal, avança em todo o mundo como todas as ideias progressivas. Ainda mais, a sua marcha é proporcional ao estado da civilização do país em que ele domina. Nos países em que a mulher tem o uso pleno dos seus direitos políticos, quer dizer nos países em que a mulher acompanha o homem na Administração Pública como na América do Norte, Inglaterra, Holanda, Suécia, Dinamarca, etc., eles são todos superiores aos outros na economia, na educação, na assistência e sobre tudo, na paz. Enfim são esses os países mais felizes do mundo. Em compensação nos países onde [o] feminismo se encontra num estado de atraso conflagrador, como Portugal e o México onde a mulher não

tem qualquer interferência nos negócios do estado são aqueles onde há mais revoluções. [...] O que as feministas querem é que se dê liberdade e que se não censure aquelas mulheres que se julgam aptas para mais alguma coisa além da sua acção doméstica. Tenho a certeza absoluta que se a Sociedade das Nações fosse organizada igualmente por homens e mulheres a Paz Universal não seria uma utopia. Elas resolveriam todas as questões melindrosas com honra para ambas as partes e a Paz seria tão segura quanto maior fosse o número de mães que lá houvesse.

(Entrevista dada ao *Última Hora*,
11 de Novembro de 1930, p. 7, col 2.)

16. Virgínia de Castro Almeida e a Educação das Mulheres

Mulheres da minha terra!... Gatas borralheiras com o cérebro vazio, que esperam, sentadas na lareira e com estremecimentos mórbidos, a hipotética aparição do príncipe encantado; criadas graves, que passam a vida com as chaves da despensa e a agulha na mão, sem terem a menor noção de economia doméstica, nem de higiene, confundido a honestidade com o desleixo da beleza; animais de carga ou de reprodução, rodeadas de filhos, que não sabem criar nem educar; bonecas de luxo, vestidas com as senhoras de Paris e com a inteligência toda absorvida na decifração das modas, incapazes doutro interesse ou doutra compreensão;

pequenos fenómenos absurdos criados pela excepção de uma instrução levemente superior, e que, na vacuidade do meio, aparecem como prodigiosos foles cheios de vento, assoprados de vaidade, anormais e infelizes.

(Almeida, Virgínia de Castro, *A Mulher. História da Mulher. A Mulher Moderna. Educação*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1913, pp. 16-17)

17. “Diálogos entre mãe e filha: as touradas”

“P. - A mamã devia hoje dizer-me o que é uma tourada e o que são touros de morte em que tanto se fala agora?

R. - É um acto cheio de crueldade matar-se um touro numa praça cheia de público, e tão selvagem é quem mata o touro como os que consentem. Isto depois de o animal e o homem andarem na lide a mostrar qual dos dois é mais fera: o homem a espicaçar e a enfurecer o animal e este enfurecido, a querer vingar-se do mal que aquele lhe faz, toda esta selvajaria é para divertir e perverter os espectadores.

P. - Mas o avôzinho disse-me que no tempo dele já havia touros de morte.

R. - Isso é verdade, mas não é razão para querermos a continuação desse espectáculo degradante. Querer avivar no espírito do povo, e principalmente das crianças, os actos sanguinários dos seus antepassados é querer retrogradar na sua marcha à Civilização de um povo, e isso é um crime de

lesa Humanidade que se não deve admitir a pessoa[s] de bom senso seja com que fim for.

P. - Mas eu li que há nações que ainda têm touradas assim; é verdade?

R. - Infelizmente é certo, mas isso não é razão por que também há nações que têm ainda a pena de morte, e nós, honra nos seja feita, não a temos.

Alguma coisa devemos ter melhor que os outros países e deles só devíamos importar o que fosse melhor [...]”.

(Cabete, Adelaide, “Diálogos entre mãe e filha: as touradas”
A Batalha, 20 de Outubro de 1924, p. 6, cols. 2-3)

Cronologia bibliográfica de Adelaide Cabete

- 1900** - “[A] Protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento physico [de novas] gerações.” Tese inaugural [26 de Julho].
- 1901** - “Instrua-se a mulher.” *O Elvense*.
- 1908** - “Hygiene da mulher segundo as edades - Maternidades”. *A República*. “Protecção ás mulheres grávidas pobres.” *A República*. “Amamentação maternal.” *A República*. “Amamentação mercenária”. *A República*. “A mulher e a religião.” *Almanach Democrático*.
- 1909** - “Vandalismo”. *A Pátria*. “Necessidade de repouso nas mulheres grávidas.” *A mulher e a criança*. “O Espartilho”, *A mulher e a criança*.

- 1911 - “Aborto provocado”. *A mulher e a criança*.
- 1912 - “Cidade de Elvas”. *A Fronteira*. “A mulher na política”. *Almanach das Senhoras para 1913*.
- 1913 - “O ensino doméstico em Portugal: Papel que o estudo da puericultura, da higiene feminina, do ensino dos primeiros cuidados em caso de acidente e da pedagogia maternal deve desempenhar no ensino doméstico”. Tese enviada ao Congresso feminista de Gand.
- 1914 - “A tuberculose”. *Boletim Oficial do CNMP*.
- 1915 - “A tuberculose. II”. *Boletim Oficial do CNMP*. “A tuberculose. III”. *Boletim Oficial do CNMP*. “O alcoolismo”. *Boletim Oficial do CNMP*. “Luta contra o alcoolismo”. *Boletim Oficial do CNMP*.
- 1916 - “Luta contra o alcoolismo (Continuação)”. *Boletim Oficial do CNMP*. “O ensino doméstico em Portugal. Papel que o estudo da puericultura, da higiene feminina, do ensino dos primeiros cuidados em caso de acidente e da pedagogia maternal deve desempenhar no ensino doméstico”. Transcrição do relatório apresentado ao Congresso feminista de Gand. *Boletim Oficial do CNMP*.
- 1917 - “Higiene. Micróbios”. *Alma Feminina*. “Higiene. Micróbios II”. *Alma Feminina*. “Higiene. Micróbios e sua fisiologia. III”. *Alma Feminina*. “Higiene. Marcha de uma infecção microbiana. IV”. *Alma Feminina*. “Ligas de Bondade”. *A Semeadora*. “Higiene. Doenças

- contagiosas. (Trata em especial da febre tifóide)”. *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças contagiosas. (Cont.) (Trata da varíola)”. *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças infecciosas. (Cont.) Trata da difteria, varicela, escarlatina)”. *Alma Feminina*.
- 1918** - “Higiene. Doenças infecciosas. (Cont.) (Trata do sarampo, tosse convulsa e papeira)”. *Alma Feminina*. “Doenças contagiosas indígenas. Tifo exantemático, tétano”. *Alma Feminina*. “Doenças microbianas indígenas. Gripe ou influenza, febres palustres”. *Alma Feminina*. “Doenças infecciosas. Lepra. Tuberculose. Cancro”. *Alma Feminina*. “Doenças exóticas. Peste”. *Alma Feminina*. “Doenças exóticas. Peste”. *Alma Feminina*. “Doenças exóticas. Cólera”. *Alma Feminina*.
- 1919** - “Higiene. Doenças infecciosas. Febre amarela”. *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças contagiosas. Raiva”. *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças contagiosas. Mormo e Psitacose.” *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças contagiosas. Carbúnculo.” *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças contagiosas transmitidas pelos animais” *Alma Feminina*. “Higiene. Kisto hydatico”. *Alma Feminina*. “Higiene. Doenças infecciosas (Cont.)”. *Alma Feminina*.
- 1920** - “Higiene da alimentação”. *Alma Feminina*. “Qual deverá ser o tempo a prescrever para o repouso da mulher grávida”. *Alma Feminina*. “Dr. Adelaide Cabette. Formand i Portugisiske Kvinders Nationalraad”.

- Nylaende*. “Higiene da alimentação: Alimentação sólida de origem animal”. *Alma Feminina*. “1910”. *Notícias do Norte*.
- 1921 - “O organismo humano”. *Alma Feminina*. “Palestra às professoras do curso de aperfeiçoamento no Instituto Feminino de Educação e Trabalho. Algumas palavras sobre a digestão”. *Alma Feminina*.
- 1922 - “O álcool não é um alimento”. *Alma Feminina*. “Efeitos nefastos do álcool”. *Alma Feminina*.
- 1923 - “No Congresso feminista de Roma, 1923, tratou da legislação portuguesa relativamente à mulher não casada e aos filhos ilegítimos”. *Alma Feminina*.
- 1924 - “Prefácio” a *Retalhos* de Jorge das Neves Larcher. “Palestra sobre higiene. O organismo humano.” *A Batalha*. “O álcool e os seus derivados. O alcoolismo é o envenamento crónico pelo uso habitual do álcool”. *A Batalha*. “Palestras sobre higiene II. Os micróbios.” *A Batalha*. “Um dos flagelos da humanidade. O álcool não estimula nem alimenta; mata. Fazem mais mal a si próprios e à humanidade os que fazem uso diário, embora moderado, de bebidas alcoólicas, do que aqueles que se embriagam de longe em longe.” *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. III. O perigo de as crianças beijarem os cães.” *A Batalha*. “Um flagelo da humanidade. Acção nefasta do álcool no organismo. O alcoolismo produz profundas alterações no sangue, no coração, no cérebro, nervos, estômago e fígado”. *A Batalha*. “Protecção à

mulher grávida e à criança. Tese apresentada ao Primeiro Congresso Feminista Português.” *Alma Feminina*. “A luta anti-alcoólica. Medidas legislativas e reformas sociais.” *A Batalha*. “Dois homens foram expulsos do Congresso Feminista.” *Diário de Lisboa*. “A mulher quer gozar todos os seus direitos civis e políticos”. *Diário de Lisboa*. “A luta anti-alcoólica. Reformas sociais. O que há a fazer em Portugal. A propaganda na escola.” *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. Água fervida”. *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. O perigo de andar descalço”. *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. A calvície e o reumatismo.” *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. A exposição às poeiras dos ouvidos das crianças é causa de surdez”. *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. O perigo das frutas verdes e das muito maduras”. *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. O ar.” *A Batalha*. “As touzadas. Diálogo entre mãe e filha.” *A Batalha*. “A embriaguez. Diálogo entre mãe e filha.” *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. A circulação do sangue.” *A Batalha*.

1925 - “Amamentação mercenária.” *Alma Feminina*. “Palestras sobre higiene. A respiração.” *A Batalha*. “O eterno feminino. A mulher deve votar e também falar, é a aspiração de Adelaide Cabette”. *Diário de Lisboa*. “Animatógrafos. Diálogo entre mãe e filha”. *A Batalha*. “A mulher na família e na sociedade. Amamentação mercenária.” *O Rebate*. “A dobrez do homem: O pai e o marido perante a mulher.” *Educação Social*.

- “Palestras sobre higiene. O gás carbónico e os engomados.” *A Batalha*. “Palestras sobre higiene. Digestão.” *A Batalha*. “Amamentação maternal”. *Alma Feminina*. “Palestras sobre higiene. Função dos glóbulos do sangue.” *A Batalha*.
- 1926** - “Amamentação artificial.” *Alma Feminina*. “Culto da violência: escola do crime.” *Educação Social*. “Palestras sobre higiene III. O perigo de as crianças beijarem os cães.” *A Batalha*.
- 1927** - “Higiene da alma.” *Alma Feminina*. “Diálogo entre mãe e filha (sobre a tourada).” *Alma Feminina*. “A mulher na família e na sociedade. Palestra entre mãe e filha.” *O Rebate*. “A mulher na família e na sociedade. Palestra entre mãe e filha. Seres vivos e seres brutos.” *O Rebate*. “Palestras entre mãe e filha. Órgãos e suas funções.” *O Rebate*. “A mulher na família e na sociedade. As mães devem criar os filhos por motivos de ordem higiênica e moral.” *O Rebate*. “Palestras sobre higiene. Aparelho digestivo.” *O Rebate*. “Palestras entre mãe e filha. O organismo humano. (Cont.)” *O Rebate*. “A mulher na família e na sociedade. Palestras sobre higiene. O esqueleto humano.” *O Rebate*.
- 1928** - “Palestras sobre higiene. O esqueleto humano (Cont.)” *O Rebate*. “A mulher na família e na sociedade. Palestras sobre higiene. Aparelho digestivo.” *O Rebate*. “Palestras sobre higiene. Digestão.” *O Rebate*. “A mulher na família e sociedade. Amamentação

mercenária.” *O Rebate*. “O ensino da puericultura na escola infantil.” *Alma Feminina*. “Palestras sobre higiene. Os alimentos.” *O Rebate*. “A mulher na família e na sociedade. Palestras entre mãe e filha. Fontes do calor animal.” *O Rebate*. “Palestras sobre higiene. A voz.” *O Rebate*. “Palestras entre mãe e filha. Secreções.” *O Rebate*. “Actividade profissional da mulher.” *República Social*. “Uma candidatura presidencial”. *O povo*. “A mulher e a leitura.” *O Povo*. “A dupla moral.” *República Social*. “As mulheres que passam.” *Igualdade*. “Hoover Smith e as mulheres.” *O Povo*. “O horror à palavra feminismo.” *Alma Feminina*.

1929 - “Uma ideia em marcha. O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas tomou a iniciativa de um grande movimento para a compra de um aparelho para a nossa primeira aviadora. [D. Maria de Lourdes Teixeira]. O que sobre o assunto nos disse a ilustre médica D. Adelaide Cabette.” *O Povo*. “Feminismo. As mulheres universitárias. O que sobre a obra realizada pela sua associação nos disse a ilustre médica D. Adelaide Cabette.” *O Povo*. “Eugénica e Eugenética.” *Alma Feminina*. “Como se namora na América do Norte.” *Actualidades*. “A Mulher Americana.” *República Social*. “Moral única.” *República Social*.

1930 - “As pioneiras do feminismo Francês. Eugénie Niboyet.” *O Globo*. “O Conselho”. *Alma Feminina*. “As pioneiras do feminismo francês II. Jeanne Deroin.” *O Globo*. “As pioneiras do feminismo francês III. Madame de

Girardin.” *O Globo*. “Palestras sobre higiene. O perigo das frutas verdes e das muito maduras.” *A Província de Angola*. “Palestras sobre higiene. Água fervida.” *A Província de Angola*. “Higiene escolar. I.” *A Província de Angola*. “Higiene escolar. II.” *A Província de Angola*. “As pioneiras do feminismo francês IV. Flora Tristan.” *O Globo*. “Higiene escolar. III.” *A Província de Angola*. “Dr.^a Cármen Marques.” *Alma Feminina*. “A moda e a higiene: Saias curtas.” *Portugal Feminino*. “Higiene escolar. IV.” *A Província de Angola*. “Higiene escolar. V.” *A Província de Angola*. “Palestras científicas. Botânica. 1.º Raiz. Ciência.” *Pensamento*. “Palestras científicas. Botânica. 2.º Caule. Ciência.” *Pensamento*. “A propósito de um «suelto»”. *A Província de Angola*. “Uma opinião de vulto. O que nos disse a doutora Adelaide Cabete: A mulher portuguesa e o meio. - É preciso educar a mulher indígena. - O que se vai já realizando em Portugal e em África.” *Última Hora*. “Feminismo I.” *A Província de Angola*. “Palestras científicas. Botânica. 3.º Folha. Ciência.” *Pensamento*. “As pioneiras do feminismo francês. I. Eugénie Niboyet.” *O Protesto*. “As pioneiras do feminismo francês II. Jeanne Deroin.” *O Protesto*. “As pioneiras do feminismo francês III. Madame de Girardin.” *O Protesto*. “A educação e o medo.” *A Província de Angola*. “As pioneiras do feminismo francês IV. Flora Tristan.” *O Protesto*. “As mulheres no Professorado Primário”. *Pensamento*.

- 1931** - “Feminismo e Feministas. Feminismo I”. *Pensamento*. “A moda e a higiene. O Espartilho” *Portugal Feminino*. “As pioneiras do sufrágio francês. V. Daniel Stern.” *O Protesto*. “Palestras científicas. Botânica. 4.º Folha.” (Cont.) *Pensamento*. “As pioneiras do feminismo francês VI. Juliette Lamber” *O Protesto*. “As pioneiras do feminismo francês VII Jenny d’Héricourt.” *O Protesto*. “Palestras científicas. Botânica. 5.º Folha. (Cont.)” *Pensamento*. “As pioneiras do feminismo francês VIII Marie Deraisme.” *O Protesto*. “O voto às mulheres e as ditaduras.” *A Província de Angola*. “Os brinquedos do Natal.” *Última Hora*.
- 1932** - “Os brinquedos do Natal.” *Alma Feminina*. “O mata-bicho.” *Ilustração Colonial*. “A mulher e a inteligência.” *A Província de Angola*. “Mrs. Pankhurst.” *A Província de Angola*. “Palestras científicas. Botânica. Flor.” *Pensamento*. “O medo é comum aos dois sexos.” *A Província de Angola*. “As degredadas: até na prisão as leis são mais cruéis”. *A Província de Angola*. “A mulher e a República.” *Última Hora*.
- 1933** - “Educação infantil. Contra a educação da criança no culto da violência.” *A Província de Angola*. “O voto e a mulher.” *Farolim*. “A inteligência da mulher.” *A Província de Angola*. “Às mães portuguesas.” *A Província de Angola*.
- 1934** - “A psicologia do preto: O casamento vem de Deus e faz-se em qualquer parte onde Deus está.” *Alma*

Adelaide Cabete (1867-1935)

Feminina. “Resposta a Concorde com a realização do concurso: Qual a mulher mais bonita de Luanda?”
Actualidades.

1935 - “Cidade de Elvas”, *Jornal de Elvas*.

Fontes e Bibliografia

Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, Colecção Maçonaria Portuguesa, Esp. N47; Arquivo dos Amigos de Lisboa; Arquivo da RTP, Lisboa; Arquivo Histórico do Liceu Passos Manuel; Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Espólios Deolinda Lopes Vieira e Pinto Quartim; Arquivo Histórico Municipal de Elvas; Arquivo Histórico do Ministério da Educação; Biblioteca do Fundo Documental da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género; Biblioteca Museu República e Resistência - Espaço Cidade Universitária, Colecção Dulce Ferrão; Grande Oriente Lusitano - Museu Maçónico Português; Direcção de Serviços de Documentação e Arquivo da Presidência da República; MNE - Instituto Diplomático, Arquivo Histórico; Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Pasta n.º 1.

Periódicos da época:

Alma Feminina - n.º 2 Fevereiro 1917; n.º 3 Março 1917; n.º 4 Abril 1917; n.º 9 Setembro 1917; n.º 10 Outubro 1917; n.º 12 Dezembro 1917; n.º 2 Fevereiro de 1918; n.º 4 Abril 1918; n.º 5 Maio 1918; n.º 6 Junho 1918; n.º 7 Julho 1918; n.º 10 Outubro 1918; n.º 12 Dezembro 1918; n.º 1 Janeiro de 1919; n.º 5 Maio 1919; n.º 6 Junho 1919; n.º 7 Julho 1919; n.º 10 Outubro 1919; n.º 11 Novembro 1919; n.º 12 Dezembro 1919; n.º 1-2 Janeiro-Fevereiro 1920; n.º 3-4 Março-Abril 1920; n.º 7-8 Julho-Agosto 1920; n.º 3-4 Março-Abril 1921; n.º 5-6 Maio-Junho 1921; n.º 11-12 Novembro-Dezembro 1921; n.º 7-8 Julho-Agosto 1922; n.º 11-12 Novembro-Dezembro 1922; n.º 7-8 Julho-Agosto 1923; n.º 3-4

Março-Abril 1924; n.º 1, 1.º trimestre 1925; n.º 3, 3.º trimestre 1925; n.º 4, 4.º trimestre 1925; n.º 1, 1.º trimestre 1926; n.º 3, 3.º trimestre 1926; n.º 2 Março-Abril 1927; n.º 5 Setembro-Outubro 1927; n.º 1 Janeiro-Fevereiro 1928; n.º 2 Março-Abril 1928; n.º 6 Novembro-Dezembro 1928; n.º 2 Março-Abril 1929; n.º 5 Setembro-Outubro 1929; n.º 5-6 Maio-Junho 1930; n.º 7-8 Julho-Agosto 1930; n.º 9-10 Setembro-Outubro 1930; n.º 7-8 Julho-Agosto 1930; n.º 3-4 Março-Abril 1931; n.º 5-6 Maio-Junho 1931; n.º 7-8 Julho-Agosto 1931; n.º 1-2 Janeiro-Fevereiro 1932; n.º 1-2 Janeiro-Fevereiro 1933; n.º 3-4 Março-Abril 1934.

Almanach Democrático para 1908 - Ano 1, [1907].

Almanaque das Senhoras para 1913 - [1912].

Actualidades - 13/4/1929; 28/6/1934.

A Batalha - 25/2/1924; 3/3/1924; 10/3/1924; 31/3/1924; 5/5/1924; 12/5/1924; 23/6/1924; 25/8/1924; 1/9/1924; 22/9/1924; 29/9/1924; 20/10/1924; 1/12/1924; 12/1/1925; 23/2/1925; 23/3/1925; 17/3/1926.

Boletim Oficial do CNMP - n.º 1 Novembro 1914, n.º 1-A Fevereiro 1915; n.º 2 Maio 1915; n.º 3 Agosto 1915; n.º 4 Novembro 1915; n.º 7 Agosto 1916.

Diário de Lisboa - 12/2/1925.

Educação Social - 15/3/1925; 15/2/1926.

O Elvense - 26/7/1900; 9/5/1901.

Farolim - 15/4/1933.

A Fronteira - 14/1/1912.

Igualdade - 3/11/1928.

Ilustração Colonial - 30/1/1932.

A Mulher e a Criança - n.º 1 Abril 1909; n.º 3 Maio 1909; n.º 21 Fevereiro 1911.

O Mundo - 2/5/1914.

Notícias do Norte - 5/10/1920.

A Pátria - 23/5/1909.

Pensamento - n.º 6 Setembro 1930; n.º 7 Outubro 1930; n.º 8 Novembro; n.º 9 Dezembro 1930; n.º 10 Janeiro 1931; n.º 11 Fevereiro 1931; n.º 12 Março 1931; n.º 18 Setembro.

O Povo - 10/9/1928; 19/9/1928; 1/10/1928; 19/11/1928; 21/1/1929.

O Protesto - 7/12/1930; 14/12/1930; 21/12/1930; 28/12/1930; 4/1/1931; 18/1/1931; 25/1/1931; 19/4/1931.

A Província de Angola - 16/6/1930; 27/6/1930; 7/7/1930; 16/7/1930; 30/7/1930; 19/8/1930; 11/9/1930; 2/9/1933; 12/9/1932; 23/12/1933; 17/11/1930; 3/11/1930; 25/12/1930; 17/8/1932; 8/12/1931; 22/8/1932; 5/10/1932; 21/3/1933.

O Rebate - 22/10/1927; 2/11/1927; 16/11/1927; 23/11/1927; 30/11/1927; 10/12/1927; 28/12/1927; 4/1/1928; 11/1/1928; 25/1/1928; 28/1/1928; 8/2/1928; 25/2/1928; 10/3/1928; 1/6/1928; 22/4/1928; 8/6/1928; 9/6/1928; 24/6/1928.

A República - 10/6/1908; 17/8/1908; 18/8/1928; 13/10/1928.

República Social - 13/11/1928; 8/9/1928; 11/5/1929; 6/7/1929.

Tarde - 12/7/1926.

Última Hora - 25/12/1931; 5/10/1932; 11/11/1930.

Bibliografia geral:

A Província de Angola - 5 de Janeiro de 1931: 4

A República - 18 de Agosto de 1908: 2.

Adão, Áurea; Remédios, Maria José dos - “Adelaide Cabete. A pedagogia no feminino”. In *História*, n.º 74, 2005:36-41.

Actualidades - 13 de Janeiro de 1929: 5; 20 de Janeiro de 1929; 31 de Março de 1929: 3; 28 de Junho de 1934: 1.

Álbum Republicano - 1908: 150.

Almeida, Virgínia de Castro e - *A Mulher. História da Mulher. A Mulher Moderna. Educação*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.

Almeida, Virgínia de Castro e - “Advento do catolicismo”. In *Educação Social. Revista de Pedagogia e Sociologia*, 15 de Janeiro de 1925: 57.

Boletim dos Estudos Operários - Dezembro, 1985: 77-78.

Campoamor [Rodriguez], Clara - “El siglo xx. Mujeres de hoy. Adelaide Cabete [sic]”. In *La libertad*. Madrid, vol.13 (Set. 1928).

Carvalho, Ribeiro de - “Emancipemos a mulher”. In *O Radical*, 25 de Janeiro de 1912.

Castro, Zília Osório & **Esteves**, João (dirs.) - *Dicionário no Feminino (Séculos XIX - XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

Correio Elvense - 22 de Agosto de 1900: 1.

Costa, Célia Rosa - *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947). Uma organização feminista*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. [Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres].

Costa, Fernando Marques - *A maçonaria feminina*. Lisboa: Vega, d.l. 1981.

Costa, Fernando Marques, “Mulheres, elites e igualitarismo na 1.^a República”. *Separata de A Mulher na Sociedade Portuguesa: Actas do Colóquio, Coimbra, 20 a 22 de Março de 1985*. Coimbra: Coimbra Editora, 1986.

Eduardo, Joaquim Mário - *Adelaide Cabete (1867-1935): Biografia de uma Professora Feminista*. Lisboa: Universidade Aberta, 2004. [Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres].

Esteves, João - *As origens do Sufragismo Português*. Lisboa: Bizâncio, 1998.

Esteves, João - *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, n.º 15, 2006: 113-135.

Esteves, João - *Mulheres e Republicanismo*, Lisboa: CIG, 2008.

Gouveia, Aurora de Castro e - “Justa Homenagem”. In AAVV - *Adelaide Cabete. Médica Elvense. Homenagem de «A Fronteira» e dos seus admiradores*. Elvas: Tipografia Elvense, 1924. [Separata do jornal *A Fronteira* de 4 de Maio de 1924].

Gorjão, Vanda - *A reivindicação do voto no programa do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*. Lisboa: ONG, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1994.

Guimarães, Elina - “Às leitoras”. In *Alma Feminina*, n.º 5, Setembro-Outubro, 1929: 3.

Guimarães, Elina - *Mulheres Portuguesas. Ontem e Hoje*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina, 1979.

Guimarães, Elina - *Sete décadas de feminismo*. Lisboa: CIDM, s.d.

Guimarães, Elina - “Uma alma de mulher. A Dr.ª Adelaide Cabete”. In *Correio Elvense*, 17 de Novembro de 1935: 1.

Guinote, Paulo - *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, Lisboa: CIDM, 1997, 2 vols. *Ilustração Portuguesa* - n.º 421, de 16 de Março de 1914: 4.

Jorge, Lídia - *A maçon: peça em dois actos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote e Sociedade Portuguesa de Autores, 1997.

Lima, Adolfo - “Cabete (Adelaide de Jesus Damas Brazão)”. In *Enciclopédia Pedagógica Progredior*. Porto: Livraria Escolar Progredior, s/d: 564-565.

Lousada, Isabel, “Adelaide Cabete: entre a eugénica e engenética na defesa da *Res publica*”. In CEIA, Carlos et. al. (org.), *Letras & ciências: as duas culturas de Filipe Furtado*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009: 511-531.

Lousada, Isabel - “A Batalha de Adelaide Cabete em *A Batalha: higienismo no feminino*”. In *Actas do Congresso Feminista 2008*, CD-ROM, Lisboa: UMAR, 2009.

Lousada, Isabel - “International Expectations: ICW - Prelúdio para o CNMP”. In *Faces de Eva*. Estudos sobre a Mulher, n.º 22, 2009.

Machado, Bernardino - *Da Monarchia para a Republica, 1883-1905*. Coimbra: [s.n.], 1905: 370-371.

Marques, A. H. de Oliveira (coord.) - “Portugal da monarquia para a república”. In SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. de Oliveira - *Nova História de Portugal*. vol. XI. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

Marques, Carmen - “O feminismo vai vencer”. In *O Rebate*, n.º 229, de 4 de Julho de 1928: 1.

Marques, Maria Gabriela Mota - *A garçonne em Portugal nos anos vinte*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2002. [Dissertação de mestrado História Económica e Social Contemporânea]

Marques, Regina - *O Aborto*, Lisboa: Ela por Ela, 2006.

Martins, Maria João - “Lutadoras. Adelaide Cabete” (c/foto e caricatura). In *Mulheres Portuguesas. Divas, Santas e Demónios*, vol. 2, Lisboa: Assírio Bacelar, 1994: 154-155.

Mascarenhas, João (coord.) - *Adelaide Cabete. Alma de mulher*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1997.

Monteiro, Natividade - *Maria Veleda*. Lisboa: CIDM, 2004.

O Povo. Diário Republicano da Tarde - 25 de Setembro de 1928: 1.

Oliveira, Américo Lopes de - *Dicionário de Mulheres Célebres*. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1981.

Portugal. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres - *Elina Guimarães: Uma Feminista Portuguesa, Vida e Obra* (1904/1991: Lisboa, CIDM: 2004.

Portugal. Teatro Nacional D. Maria II - *A maçõn de Lídia Jorge*. Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, 1997. [programa].

Rêgo, Manuela (coord.) - *O Ano de 1907*. Lisboa: BN, 2007.

Rêgo, Manuela (coord.) - *O Ano de 1908*. Lisboa: BNP, 2008.

Rêgo, Manuela (coord.) - *O Ano de 1909*. Lisboa: BNP, 2009.

Revista do ar - 30 de Janeiro de 1929: 10.

Rijo, Maria José - “Conversas Soltas: Adelaide Cabete uma elven-se ilustre, um nome a reter”. In *Linhas de Elvas*, 1995: 7 (20 Out.).

Samara, Maria Alice - “Adelaide Cabete, a incansável lutadora”. In *Operárias e Burguesas, as mulheres no tempo da República*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007: 97-111.

Silva, Alda Pereira da; CASACA, Cecília; MASCARENHAS, João Mário - *Adelaide Cabete: alma de mulher*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1997.

Silva, Maria Regina Tavares da; VICENTE, Ana - *Mulheres Portuguesas: vidas e obras celebradas, vidas e obras ignoradas*. Lisboa: CIDM, 1991.

Silva, Maria Regina Tavares da - *Carolina Beatriz Ângelo*. Lisboa: CIDM, 2005.

Sousa, Maria Reynolds de - *A Concessão do Voto às Portuguesas: breve apontamento*. Lisboa: CIDM, 2006.

Última Hora - 11 de Novembro de 1930: 7

Vaquinhas, Irene Maria - *“Senhoras e Mulheres Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Edições Colibri, 1999.

Ventura, António - “Adelaide de Jesus Damas Brazão Cabete”. In *A Maçonaria no Distrito de Portalegre*. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópico, 2007: 284-285.

Vidal, Angelina - “Feminismo”. In *A Chronica*, n.º 157, Agosto, 1906: 2.

Vilhena, Henrique de - “Adelaide Cabette”. In *Em memória*. Lisboa: Livraria Nacional, 1940:163-184.

A meu filho, Lourenço

Colecção Fio de Ariana

- N.º 1 - Maria Veleda (1871-1955)
- N.º 2 - Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)
- N.º 3 - A Concessão do Voto às Portuguesas - Breve Apontamento
- N.º 4 - Deusas e Guerreiras dos Jogos Olímpicos
- N.º 5 - Mulheres e Republicanismo (1908-1928)
- N.º 6 - Adelaide Cabete (1867-1935)

